

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE BELAS-ARTES



A Coleção Ferraz de Macedo

Estudo e Valorização da Primeira Coleção de Antropologia Física de Portugal

Bianca Sofia Machado Lopes

Trabalho de Projeto

Mestrado em Museologia e Museografia

Trabalho de Projeto orientado pelo Professora Doutora Alice Nogueira Alves e pela
Professora Doutora Susana Garcia

2022

Declaração de Autoria

Eu Bianca Sofia Machado Lopes, declaro que o presente trabalho de projeto de mestrado intitulado “**A Coleção Ferraz de Macedo – Estudo e Valorização da Primeira Coleção de Antropologia Física em Portugal**”, é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

Lisboa, 31 de outubro, 2022

Resumo

Este trabalho de projeto foca o estudo e valorização da Coleção de Antropologia Física Ferraz de Macedo, inserida no espólio do Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Esta coleção reúne cerca de 53 crânios completos e incompletos, tendo sofrido várias alterações desde que foi recolhida até aos dias de hoje.

Ferraz de Macedo viveu entre 1845 e 1907 (62 anos) e dedicou a sua vida a cultivar-se, estudando várias disciplinas, entre as quais acabou por desenvolver um gosto especial pela Antropologia Física. Influenciado pelos principais antropólogos da época, dedicou-se à realização de medições cranianas, de forma refutar a teoria de que o tamanho craniano determinava se o indivíduo tinha inclinações criminosas. Após reunir uma grande quantidade de medições, conseguiu comprovar que a teoria era falsa. Dessa forma nasceu a primeira coleção de antropologia física em Portugal.

As descrições mais antigas dizem que esta coleção chegou a ter cerca de 1000 crânios e 300 esqueletos. No entanto, após mais de 100 anos e de um grande incêndio, o que restou é um número bem menor, contando-se hoje com 53 crânios e nenhum esqueleto. Com a intenção de estudar e valorizar a coleção, foi realizado um estágio em que se efetuou a inventariação da coleção, assim como uma análise do estado de conservação dos restos mortais, uma descrição detalhada e um registo fotográfico dos indivíduos presentes.

Como resultado, é apresentada a história da coleção Ferraz de Macedo e dá-se a conhecer o perfil da época vivida pelos indivíduos identificados, graças ao livro original do seu autor, *Taboas Antropométricas*, em que é possível encontrar informações imprescindíveis. Com este trabalho, foi possível estudar e valorizar esta coleção com a dignidade que merece, por se tratar da primeira coleção de Antropologia Física em Portugal, que ainda tem tesouros de grande importância por descobrir.

Palavras-Chave: Antropologia Física; Antropólogo; Inventário; Restos Mortais; Preservação.

Abstract

This project work focuses on the study and valorization of the Ferraz de Macedo Physical Anthropology Collection, included in the National Museum of Natural History and Science. This collection brings together about 53 complete and incomplete skulls, having undergone several changes since it was collected until the present day.

Ferraz de Macedo lived between 1845 and 1907 (62 years) and dedicated his life to cultivating himself, studying various subjects, among which he ended up developing a special taste for Physical Anthropology. Influenced by the main anthropologists of the time, he dedicated his studies to conducting cranial measurements, to refute the theory that cranial size determined whether the individual had criminal inclinations. After gathering a large number of measurements, he was able to prove that the theory was false. Thus, the first physical anthropology collection in Portugal was born.

The oldest descriptions say that this collection came to have around 1000 skulls and 300 skeletons. However, after more than 100 years and a great fire, what remains is a much smaller number, counting today with 53 skulls and no skeleton. With the intention of studying and valuing the collection, an internship was carried out in which the inventory of the collection was done, as well as an analysis of the state of conservation of the mortal remains, a detailed description, and a photographic survey of the present individuals.

As a result, the history of the Ferraz de Macedo collection is presented, and the context lived by the identified individuals is revealed, thanks to the original book by its author, *Taboas Antropometricas (Anthropometric Tables)*, in which is possible to find essential information. With this work, it was possible to study and value this collection with due dignity, as it is the first Physical Anthropology collection in Portugal, which still has treasures of considerable importance to be discovered.

Key words: Physical Anthropology; Anthropologist; Inventory; Mortal Remains; Preservation.

*... custe o que custar, lucte com
quem luctar, sempre pugnarei para
que o seu nome e a sua obra vivam.*
(Costa Ferreira, 1908, p.1)

Agradecimentos

Quero começar por dedicar este trabalho a todos os que estiveram ao meu lado nesta caminhada, sem dúvida que lhes devo o meu mestrado. Terminar este ciclo de aprendizagem faz-me sentir realizada e com força para enfrentar o que o futuro me reserva. Aprendi que todos os desafios valem a pena quando são alcançados, e que são desafios como este que nos enchem de alegria e de orgulho.

Em primeiro lugar, gostava de dirigir este agradecimento à minha professora e orientadora Alice Nogueira Alves, que me aceitou de braços abertos quando lhe propus um tema diferente e me deu a confiança de que eu precisava para o concretizar. Quero agradecer também a minha orientadora institucional, a professora Susana Garcia, porque sem a sua ajuda e disponibilidade nada disto teria sido possível.

Não faria sentido não agradecer a todos os docentes do mestrado de Museologia e Museografia da Faculdade de Belas-Artes, que tanto me deram a conhecer e a descobrir, contribuindo para o meu crescimento não só académico, mas também como ser humano.

Um grande obrigado a todo o *staff* do MUHNAC pela disponibilidade em tudo e em especial aos dois estagiários de fotografia que aceitaram fotografar a coleção sem pensar duas vezes.

Às amigas de longa data e às mais recentes, um muito obrigado por todos os anos que já passámos e vamos continuar a passar ao lado uns dos outros, aplaudindo cada vitória como se fosse de todos.

Por fim, mas não menos importante, à minha família e ao meu namorado, que estiveram ao meu lado em todos os momentos desta aventura, nas derrotas e nas vitórias, sempre disponíveis para tirar um pouco do seu tempo e vivê-la comigo. Obrigado por serem o meu porto seguro e por acreditarem mais em mim do que eu mesma.

Este trabalho é meu, mas também é um pouco vosso que acreditaram em mim, obrigado a todos.

Índice

| | |
|--|----|
| Introdução..... | 9 |
| 1. Contextualização da Coleção..... | 13 |
| 1.1. Caracterização da Instituição | 13 |
| 1.2. Quem foi Ferraz de Macedo?..... | 14 |
| 1.3. Objetivos iniciais da coleção | 20 |
| 1.4. História da Coleção..... | 23 |
| 1.5. A Coleção Atualmente | 26 |
| 2. O Inventário da coleção..... | 29 |
| 2.1. Inventariação da Coleção | 29 |
| 2.2. Descrição em fichas de inventário | 38 |
| 2.3. Registo fotográfico e vídeo da coleção | 41 |
| 3. Caracterização e descrição da coleção..... | 45 |
| 4. Recomendações de exposição e preservação..... | 50 |
| 4.1. Questões éticas da exposição | 50 |
| 4.2. Recomendações de Conservação Preventiva | 51 |
| 4.2.1. Temperatura Incorreta | 53 |
| 4.2.2. Humidade relativa incorreta | 54 |
| 4.2.3. Luz e radiações ultravioleta e infravermelha..... | 55 |
| 4.2.4. Forças físicas /manuseamento incorreto..... | 56 |
| 4.2.5. Dissociação..... | 58 |
| 4.3. Recomendações de acondicionamento | 59 |
| Conclusão | 61 |
| Referências bibliográficas | 64 |

Índice de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1. Ferraz de Macedo. (Almeida, 1907, p.416)..... | 15 |
| Figura 2. O Colecionador de Caveiras. (Vargas, 2019)..... | 17 |
| Figura 3. Doutor Ferraz de Macedo, glória máxima do distrito de Aveiro. (Souto, 1935). | 21 |
| Figura 4. Coleção de Antropologia Ferraz de Macedo. (MUHNAC, 2015). | 24 |
| Figura 5. Gráfico ilustrativo da quantidade de crânios e esqueletos presentes na coleção segundo várias referências..... | 27 |
| Figura 6. Gaveta antes do acondicionamento, Coleção Ferraz de Macedo, MUHNAC, Universidade de Lisboa (fotografia B. Lopes, cortesia Universidade de Lisboa). | 31 |
| Figura 7. Medições cranianas, Coleção Ferraz de Macedo, MUHNAC, Universidade de Lisboa (fotografia B. Lopes, cortesia Universidade de Lisboa) | 32 |
| Figura 8. Acondicionamento, MUHNAC-MB60-1227, Coleção Ferraz de Macedo, MUHNAC, Universidade de Lisboa (fotografia B. Lopes, cortesia Universidade de Lisboa)..... | 34 |
| Figura 9. Gaveta depois do novo acondicionamento, MUHNAC-MB60, Coleção Ferraz de Macedo, MUHNAC, Universidade de Lisboa (fotografia B. Lopes, cortesia Universidade de Lisboa)..... | 35 |
| Figura 10. Sessão fotográfica, Laboratório de Antropologia. 2022. | 43 |
| Figura 11. Gráfico comparativo entre indivíduos não identificados, homens e mulheres. | 45 |
| Figura 12. Gráfico comparativo de faixa etária à morte e sexo..... | 46 |
| Figura 13. Gráfico comparativo de profissão e género..... | 47 |
| Figura 14. Gráfico comparativo de estado civil e género..... | 48 |
| Figura 15. Gráfico comparativo de causas de morte e sexo. | 49 |

Introdução

Tema e objetivos

O presente trabalho de projeto, intitulado “A Coleção Ferraz de Macedo Estudo e Valorização da Primeira Coleção de Antropologia Física em Portugal”, foi realizado no âmbito do mestrado em Museologia e Museografia da Faculdade das Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL).

Os seus objetivos foram: desenvolver o estudo sobre o contexto da coleção Ferraz de Macedo existente no Museu Nacional da História Natural e da Ciência (MUHNAC), perceber a sua constituição e história na instituição, arranjar estratégias para a sua valorização a partir de uma inventariação detalhada dos seus elementos constituintes, melhorar a sua acessibilidade através da organização e identificação e por fim sugerir recomendações de conservação preventiva.

A coleção sobre a qual foca este projeto, é uma das coleções osteológicas mais importantes e interessantes que se encontra no espólio português, o que se deve ao facto de ter sido concretizada pelo célebre médico e antropólogo Francisco Ferraz de Macedo, foi na época a primeira coleção de esqueletos identificados proveniente de cemitérios portugueses. Esta coleção permitiu direccionar estudos, principalmente as medições cranianas e estudos de Ferraz de Macedo, para a população portuguesa, para essas medições foram utilizadas novas técnicas de medição e de análise, pioneiras na altura, o que dá um lugar de destaque na história da Antropologia e da Criminologia a Ferraz de Macedo e à sua coleção em Portugal. Importa também referir que esta coleção forneceu técnicas e objetos de estudo a variados autores após Ferraz de Macedo.

A temática escolhida aborda aspetos muito importantes uma vez que a coleção Ferraz de Macedo se encontrava um pouco esquecida, pouco estudada e sem a importância devida no mundo da Antropologia Física portuguesa. Com base nessas razões, consideramos necessário o seu desenvolvimento e estudo. Este trabalho trouxe a possibilidade de a coleção ficar disponível para consulta e poder ser estudada pelos especialistas da área, abrindo um novo mundo de temáticas para estudos inovadores. Segundo Garcia (2020), as coleções valorizadas e estudadas permitem aos

investigadores desenvolverem novas metodologias para a estimativa do sexo ou da idade à morte de esqueletos não-identificados, que podem vir a ser aplicadas no contexto forense e arqueológico.

Os antropólogos não revolvem o passado e os seus despojos por anódina nostalgia ou patológica necrofilia, mas porque sabem que alguns aspectos pretéritos podem ser recuperados das furtivas reminiscências que os ossos em si acumulam. O ciclo repete-se: os vivos pisam as lousas tumulares e, como disse Miguel Torga, ligam-se organicamente aos seus mortos. Referenciam-se. Reconhecem-se nos espelhos de pedra que cobrem os antepassados. (Curate, 2005, p.3)

Para além da importância académica, esta temática acaba por ser bastante querida por nós, pois conseguimos unir as duas matérias académicas preferidas, a Antropologia e a Museologia, permitindo o estudo da Antropologia Física numa componente museológica.

Metodologia

Segundo Creswell (2017, p.34), a escolha da metodologia utilizada num trabalho, diz muito sobre o investigador e o objetivo do seu trabalho, a escolha de métodos por um pesquisador depende do seu objetivo, seja especificar o tipo de informação a ser coletada antes do estudo ou permitir que ela surja dos participantes do projeto.

Considerando a escolha metodológica para este projeto, optámos por dividir a metodologia em três partes: uma primeira de carácter prático, sob a forma de estágio; seguida da pesquisa e, por último, da recolha e análise de dados.

Na primeira fase da metodologia procurámos responder às seguintes questões:

Como é constituída a coleção Ferraz de Macedo?

Como posso preservar e valorizar a coleção Ferraz de Macedo?

Como posso melhorar o acondicionamento das peças?

Para isso, foram realizados sete meses de estágio no museu, em que desempenhámos vários tipos de funções, como a limpeza e a organização da coleção, a

descrição detalhada dos crânios nas fichas de inventário da instituição, a inventariação da coleção e um levantamento fotográfico de todos os crânios.

Paralelamente e depois de concluída a componente prática, foi necessário realizar uma pesquisa documental e bibliográfica para responder às questões:

Quem foi Ferraz de Macedo?

Como melhorar o acesso à informação da coleção para investigação?

Para isso, houve necessidade de recorrer ao livro de registos original de Ferraz de Macedo, que faz parte do acervo do MUHNAC e a várias referências bibliográficas.

Por último, para a obtenção de resultados, foi necessário realizar uma análise dos dados recolhidos nas duas primeiras fases, que foram utilizados para realizar gráficos e uma linha contextual histórica, que nos ajudaram a compreender várias questões associadas à coleção.

Com base em todos estes elementos foi possível realizar um conjunto de recomendações de conservação preventiva especificamente destinados à coleção Ferraz de Macedo, que contribuirão para a sua preservação futura.

Estado da Arte

Para a concretização deste trabalho de projeto, foi necessária a realização de pesquisas intensivas de informação sobre Ferraz de Macedo e a sua coleção de crânios, que ainda não se encontrava muito estudada. Nesse âmbito, apenas encontramos duas referências, ambas em trabalhos curriculares para obtenção do grau de licenciatura. O primeiro foi escrito por Ana Catarina Simões (2016), que refere a coleção e realiza uma inventariação da mesma; a segunda referência foi escrita por Ana Raquel Duarte (2017), realizou a digitalização do livro de registo original de medidas de Ferraz de Macedo, *Taboas Antropométricas*, e de outros documentos associados à coleção.

Existem alguns estudos semelhantes ao que aqui propusemos, mas dedicados a outras coleções que pertencem ao espólio do MUHNAC, como a tese de mestrado realizada por Fernanda Carvalho (2019) que fala sobre a coleção colonial de restos humanos no MUHNAC, consistindo numa pesquisa documental sobre a missão

antropológica de Moçambique. Como segundo exemplo, também consultámos a tese escrita por Ana Sofia Antunes (2019), que foca um projeto experimental no MUHNAC.

Para base da nossa pesquisa focámo-nos sobretudo em Susana Garcia (2020), que descreve as duas coleções mais antigas de Antropologia Física do MUHNAC, Ferraz de Macedo e Luís Lopes.

Para recolher os dados sobre os indivíduos, recorreremos ao livro original de Ferraz de Macedo, *Taboas Antropométricas*, que também foi uma grande ajuda para compreender a sua coleção. Para completar falhas na descrição da vida de Ferraz de Macedo, baseámo-nos na biografia de Costa Ferreira (1908), com informação bastante precisa sobre os acontecimentos da vida e morte do antropólogo, e nos dados fornecidos na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (1996), que oferece uma resumida biografia de Ferraz de Macedo, mas tem uma lista bastante descritiva dos seus artigos e livros publicados.

Para a realização do inventário da coleção, das fichas de inventário e para consulta sobre aspetos relacionados com a conservação preventiva, foram consultados alguns manuais de regras como Spectrum (2022), o do Department for Digital, Culture, Media & Sport do Reino Unido (2005), *Como Gerir um Museu* (2004) e *Ciência e Técnica – Normas Gerais* (2010).

Estrutura do trabalho

No primeiro capítulo deste trabalho de projeto, encontramos uma contextualização da coleção, baseada na caracterização da instituição e da coleção e na descoberta de quem foi o seu coletor, Ferraz de Macedo. Conta também a história da coleção desde a sua recolha até aos dias de hoje.

O segundo capítulo foca a inventariação da coleção mostrando como foi realizada a ficha de inventário e descrevendo o registo fotográfico e videográfico da coleção, de forma a complementar o inventário.

O terceiro capítulo trata a caracterização da coleção. Depois da sua descrição, reconstituindo a história dos indivíduos identificados com base nas conclusões retiradas.

Por fim, é realizada uma pequena introdução sobre Conservação Preventiva e apresentado um conjunto de recomendações para a coleção, baseadas nos cinco agentes de deterioração que representam maiores ameaças para a sua preservação.

Resta apenas referir que existe um volume de anexos, que contém as 53 fichas de inventário preenchidas durante o nosso trabalho.

1. Contextualização da Coleção

1.1. Caracterização da Instituição

O MUHNAC, como é intitulado atualmente, pertence à Rede de Museus da Universidade de Lisboa. Resulta da união de duas instituições existentes anteriormente, o Museu Nacional de História Natural e o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, ficando assim com o seu acervo de coleções e com os seus antigos edifícios: a Escola Politécnica, o Jardim Botânico de Lisboa e o Observatório Astronómico de Lisboa.

O Museu Nacional de História Natural foi originalmente criado no Real Museu de História Natural e Jardim Botânico, na segunda metade do século XVIII, na Ajuda (Lisboa). Por um curto espaço de tempo, esteve instalado na Real Academia das Ciências e, finalmente, acabou por ser transferido para a Escola Politécnica em 1858, tendo recebido pela primeira vez o nome de Museu Nacional de Lisboa três anos mais tarde. O Jardim Botânico de Lisboa apenas foi inaugurado em 1878, sendo então anexado ao museu.

Em 1911, a Universidade de Lisboa foi criada e o museu é declarado como um anexo à Faculdade de Ciências, passando a ser chamado de Museu de História Natural (1926).

Em março de 1978, grande parte do edifício da antiga Escola Politécnica e das coleções de Zoologia e de Geologia, foram destruídos por um violento incêndio. No entanto, uma grande parte do Arquivo Histórico do Museu Bocage ficou intacta, o que permitiu ao museu ter parte do seu antigo espólio. Após o incêndio, a Faculdade de Ciências começou o processo de mudança de instalações, permitindo que o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa fosse criado em maio de 1985, e passasse a partilhar o espaço do Edifício da Politécnica com o Museu Nacional de História Natural.

Com os novos estatutos dos museus, o museu desvinculou-se da Faculdade de Ciências em 2003, passando a sua tutela diretamente para a Reitoria da Universidade de Lisboa. Em outubro de 2011, o conselho geral da Universidade de Lisboa criou a Unidade de Museus da Universidade de Lisboa, designando o museu como Museu Nacional de História Natural e da Ciência, nome que detém atualmente.

O MUHNAC, tal como os outros museus pertencentes aos Museus da Universidade de Lisboa, tem como missão promover a curiosidade e a compreensão sobre a natureza e a ciência, de forma a aproximar a universidade à sociedade. Essa missão é atingida através da valorização das suas coleções, do seu património, de investigações, da realização de exposições, conferências e outras atividades de carácter científico, educativo, cultural e de lazer.

O museu tem prestado apoio a investigações e ao ensino em áreas como a Zoologia, a Antropologia, a Botânica, a Mineralogia, a Geologia e as demais ciências naturais. Estimula o estudo e divulgação da História das Ciências e das Técnicas, contribuindo para a formação de estudantes nessas áreas. Assume a responsabilidade na conservação e estudo das coleções biológicas e geológicas do património cultural, criando parcerias para a valorização e a utilização das coleções museológicas e do património da Universidade de Lisboa e de outras instituições.

1.2. Quem foi Ferraz de Macedo?

Francisco Ferraz de Macedo nasceu a 11 de outubro de 1845, em Paradela, Águeda. Segundo consta, era uma criança bastante curiosa e dedicada. Foi levado da sua terra natal com apenas 8 anos, viajando para o Brasil com o seu pai, onde começou os seus estudos e completou a instrução primária (Costa Ferreira, 1908).

Terminando a escolaridade primária foi iniciado na profissão de alfaiate, ganhando o gosto pelas medições. A sua perspicácia e perfeccionismo no trabalho surgiram em tenra idade, e Ferraz de Macedo deu sempre o melhor de si, chegando mesmo a ser o mestre da alfaiataria do seu pai.

Ainda poucos dias antes de morrer, eu ouvi o Dr. Ferraz de Macedo contar, com justo orgulho, esta passagem da sua vida, atribuindo á pratica do córte e da medida uma grande parte da sua destreza e certeza manual, por varias vezes

demonstrada na firmeza do traço das suas magistras estereographias e no rigor das suas impeccaveis medições. Com orgulho também, me dizia elle, que era quem ainda talhava e fazia o seu próprio fato. (Costa Ferreira, 1908, p.8)



Figura 1. Ferraz de Macedo. (Almeida, 1907, p.416).

Alguns anos depois de se ter lançado na sua primeira profissão, alguns amigos de seu pai convenceram-no a abandoná-la e a prosseguir com os estudos. Assim começou a sua vida de estudante, licenciando-se em Farmácia em 1867 e, cinco anos depois, doutorando-se em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro. Na sua tese de doutoramento debateu-se com o problema da medicina social tão em voga na altura, a prostituição, acabando por ampliar cada vez mais esse estudo lançou o livro *Da Prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio-de-Janeiro*, onde se encontram informações curiosas da vida e costumes cariocas (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 1996, p.152).

Exerceu com muita distinção e renome clínico durante alguns anos nesta área, conseguindo enriquecer e assim, alimentar as suas curiosidades (Costa Ferreira, 1908).

Posteriormente, entre 1878 e 1882, como homem muito interessando pela cultura e em se manter atualizado de todo o conhecimento em seu redor, Ferraz de Macedo

resolve viajar por vários países europeus, ganhando gosto pela Antropologia Física. Após contactar com os principais antropólogos da época, como Vogt, Quatrefages, Manouvrier, Lombroso, Topinard, Martegazza, entre outros, decide dedicar-se ao estudo desta ciência (Garcia, 2020, p.25),

Attraidos pela mestria do seu desenho e destreza da sua medição, agrupam-se á volta d'elle, em adoração carinhosa, os Quatrefages, os Vogts e os Manttegazzas. E Lombroso, então imperialmente sentado no solio de patriarcha da criminologia, chama-o a si e faz d'elle um seu collaborador. (Costa Ferreira, 1908, p.8)

Já em Lisboa, em 1881 Ferraz de Macedo decide fixar residência nesta cidade com o intuito de estudar Antropologia Física. É nesta altura que pede autorização à Câmara Municipal de Lisboa para ter acesso e/ou apropriar-se dos esqueletos não reclamados que eram colocados em valas comuns ou então queimados, para os estudar com fins antropológicos.

Desta forma, começa a reunir a primeira coleção de esqueletos humanos identificados em Portugal (e uma das primeiras no mundo) constituída maioritariamente por crânios humanos, que guardava em sua casa na Graça. Segundo Costa Ferreira (1908), Ferraz de Macedo possuía a mais interessante coleção desta natureza que existia na altura em Portugal, que tinha sido estudada com particular e sábio cuidado, tratada pelo seu proprietário como um verdadeiro tesouro antropológico, ao qual se dedicava de alma e coração.

Datam de então os nomes com que o alcunharam: o Ferraz maluco, o Ferraz das caveiras, o Ferraz brasileiro. Mas, indiferente e corajoso, Ferraz marchava sempre erecto e secco, de olhar e cabeça levantada, trabalhando no amphitheatro da Eschola Medica, na Penitenciaria, e nas cadeias. (Costa Ferreira, 1908, p.8)

Com base na coleção, Ferraz de Macedo dedica-se a medir os crânios tal como tinha aprendido com os antropólogos ilustres do seu tempo, do Laboratório de Antropologia fundado por Paul Broca (1824-1880), em Paris. Estas medidas eram utilizadas para comparações entre criminosos e não criminosos, cujo estudo se baseia nos princípios da Frenologia, para Costa Ferreira (1908), talvez revelasse uma dedicação ou paixão mórbidas.



Figura 2. *O Colecionador de Caveiras*. (Vargas, 2019)

Importa contextualizar que a Frenologia, criada no fim do século XVIII por Gall, se baseava num conjunto de aptidões mentais e de qualidades morais de cada indivíduo por via do estudo do tamanho e das formas exteriores do crânio (Barbosa, 2016). Foi fundamentada na teoria de que a caixa craniana, dependendo do tamanho e das suas protuberâncias, determinava diferentes aspetos da personalidade do indivíduo e das funções do cérebro responsáveis por virtudes e falhas de caráter (Arreguy, 2010). Servindo de base para a Antropologia Criminal, a Frenologia depressa se difundiu pela Europa, sendo possível encontrar, desde 1853, um gabinete de Frenologia na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa onde se tentavam reconhecer estigmas criminais (MAH, 2015).

O uso pioneiro de novas técnicas de medição e de análise estatística confere a Ferraz de Macedo um lugar central na história da Antropologia e da Criminologia em Portugal. Ferraz de Macedo não se limita a recolher medidas craniométricas, tem ainda autorização para recolher medidas antropométricas, em várias penitenciárias de Lisboa. (Garcia, 2020, p.26)

Um homem que se cultivava em saberes quer ao nível científico quer ao literário, era conhecedor fluente de várias línguas, como: o francês, o italiano, o grego, o inglês e

o russo, o que lhe permitira estabelecer contacto duradouro com grandes nomes, como Topinard, um arqueólogo e antropólogo, com o qual trocou correspondência devido ao seu leque imenso de esqueletos da Península Ibérica.

Passam-se alguns anos, e, mais tarde, o seu amor pela sciencia, amor que quasi o roubara a tudo e a todos, veio perturbar-lhe o lar. Fica sem mulher e sem filhos, e, como se isto não bastasse, a justiça brasileira, sem atenção pelos nossos tribunaes, rouba-lhe a fortuna. E assim fica Ferraz de Macedo sem família e sem fortuna; mas ainda com saúde, e a sos com esta e os seus trabalhos, que nem um momento abandonou. (Costa Ferreira, 1908, p.9)

Nesta altura, Ferraz de Macedo, encontrava-se desamparado e com problemas financeiros, que o obrigaram a aceitar o lugar de diretor dos Serviços Antropométricos e Fotográficos do Juízo de Instrução Criminal.

Tal como a sua família sofre de doença, à qual não dá valor, fingindo que não a vê, continuando as suas viagens e estudos. A 18 de Janeiro de 1907, o ilustre médico e antropólogo falece com apenas 62 anos de idade, segundo Costa Ferreira (1908), com esta morte a ciência portuguesa sofreu uma grande perda.

O Dr. Francisco Ferraz de Macedo nunca ambicionou mais do que ser útil; e, em detrimento da saúde, da família e da fortuna, levou toda a vida a trabalhar. Tudo sacrificou pela sciencia. Mas também, por isso, diga-se em abono d'elle e em desabono de nos mesmos (custe o que custar), diga-se, dizia eu, que morreu pobre, e quasi que apenas decorado com o título de excêntrico. (Costa Ferreira, 1908, p.7)

Para além dos dotes descritos, Ferraz de Macedo deixou também uma vasta gama de pequenos artigos em revistas, como, por exemplo, as suas entradas na revista *O Crime*, uma delas sobre um estudo realizado na prisão do Limoeiro que descrevia os seus criminosos, as suas identidades e identificações, e como estas se interligam e se destacam nos criminosos; bem como várias obras completas, em que pretendia mostrar ao mundo as suas pesquisas e descobertas.

Dirigiu, por pouco tempo, o importante jornal Mala da Europa, sucedendo a Tomás Ribeiro, quando êste foi nomeado, em 1895, para o alto cargo de ministro

de Portugal no Brasil. No ano seguinte, começou a colaborar assiduamente na Galeria de Criminosos Célebres, História da Criminologia Contemporânea, sob o ponto de vista descritivo e científico, publicação de vulgarização editada pela Papelaria Palhares, em Lisboa, e que granjeou certa voga, apesar de bastante deficiente, tendo saído 7 volumes, de 1896 a 1908. Os volumes 2º ao 6º apareceram sob a direção científica de Ferraz de Macedo e José Joyce; o volume 7º e último, de 1908, saiu sob a direção de dr. A. Aurélio da Costa Ferreira. (Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, 1996, p.153)

Mesmo no leito da morte, a sua principal preocupação não era a sua saúde, mas sim a continuação e preservação da sua coleção e das suas descobertas, oferecendo-a por isso ao Museu da Escola Politécnica, então designado por Museu Bocage.

E antes mesmo que eu corra a cuidar da sua doença, quer que eu lhe trate da sua obra. Faz-me o seu legado espiritual, pede-me para, em seu nome, oferecer ao Museu da Eschola Polytechnica toda a sua collecção, todos os seus livros de Antropologia, todos os seus instrumentos e obras; entrega-me os trabalhos incetados que quer que eu continue; quer elle mesmo tratar do acondicionamento dos objetos offerecidos, e é elle que até talha os saccos onde se recolhem os esqueletos. Só depois de ter feito tudo isto e de se ter despedido das suas coisas, do seu material de estudo e de trabalho, foi pôde dizer-se, que elle me disse: “Estou descansado. Agora salve-me, se puder”. Seguiu-se então uma lucta de três mezes, sem esperança para mim, mas com alguma para elle. Por fim, exausto, levantando para mim os olhos amortecidos, clamou: “Caro amigo, tenha coragem. Não há mais a fazer”. (Costa Ferreira, 1908, p.11)

O seu enterro foi modesto, o silêncio reinou, “Coitado! Pobre Ferraz! Como se acaba! Quasi que foi o máximo que alcançou a sua memoria. Passou e morreu.” (Costa Ferreira, 1908, p.12). Deixou apenas um desejo para o futuro: que fosse criado um museu ou um laboratório onde se ensinassem e estudassem conhecimentos gerais sobre a ciência da Antropologia, com base na sua preciosa coleção com mais de mil crânios, mais de trezentos esqueletos de origem conhecida e reproduções estereográficas de crânios célebres dos museus da Europa, tudo medido e rigorosamente observado, juntamente com um vasto arsenal antropológico e uma livraria. O suficiente para que se

fundasse uma seção antropológica no museu da Escola Politécnica (Costa Ferreira, 1908, p.11).

O seu desejo foi realizado. A sua foi a primeira coleção de Antropologia Física em Portugal, dando início a uma seção de Antropologia, posteriormente complementada por várias outras coleções de antropólogos que seguiram os passos de Ferraz de Macedo, o que o torna o pioneiro na área da Antropologia Física em Portugal.

Não sei de hei de prantear a perda do Mestre ou se antes lamentar a sorte desta malfadada terra onde ainda os homens da sciencia por vezes acabam como este acabou; onde aquelle que, tendo sacrificado saúde, fortuna e família, tudo pela sciencia, gastando toda uma vida na árdua tarefa, de dia e noite, estudar os caracteres do nosso povo e a etiologia e therapeutica do crime, e havido assim glorificado lá fora o nome da sciencia portugueza, apesar d'isso, morreu, quasi abandonado, sem occupar uma posição official verdadeiramente digna do seu mérito, onde finalmente o companheiro de Manouvrier, Quatrefages, Vogt, Lombroso e Manteggaza, desaparece, havendo apenas alcançado, em sua pátria, pouco mais do que a pobreza e o titulo de excêntrico!! Pobre Mestre e pobre Patria! (Costa Ferreira, 1908, p.10)

1.3. Objetivos iniciais da coleção

Como acabamos de ver, a primeira coleção de restos humanos identificados em Portugal deve o seu nome ao trabalho e recolha do médico e antropólogo Francisco Ferraz de Macedo.

A documentação oficial presente no MUHNAC refere que a coleção doada era constituída por 1023 crânios (calotes e mandíbulas) e apenas um esqueleto completo. Contudo, Tamagnini e Campos, numa publicação de 1906, escrevem que se deslocaram à Faculdade de Ciências de Lisboa para estudar os cerca de 140 esqueletos completos e identificados. (Garcia, 2020, p.26)



Figura 3. *Doutor Ferraz de Macedo, glória máxima do distrito de Aveiro.* (Souto, 1935).

Inicialmente, a coleção foi criada por Ferraz de Macedo com o intuito de se estudarem as diferenças e semelhanças na fisiologia humana das diferentes raças, temática à qual Francisco Ferraz de Macedo também dedicou grande parte da sua vida, embora não com tanto reconhecimento como o mais prestigiado dos seus estudos sobre a medição de crânios de criminosos e de não criminosos. Segundo Costa Ferreira (1908), Ferraz de Macedo recolheu a sua colossal coleção antropológica e mediu e estudou mais de mil crânios e mais de uma centena de esqueletos portugueses, para poder formular a sua interessante lei da “harmonia kormio-cephalica” e, pela primeira vez, poder defrontar em pleno congresso a teoria Lombrosiana, a que nos referimos em seguida.

Ferraz de Macedo dedicou a sua vida à descoberta da anatomia do homem e a forma como o corpo se encontrava ligado a questões psíquicas, como doenças. Foi este o seu grande interesse, na medição dos ossos humanos, particularmente, do crânio. O seu estudo intensivo levou a um aperfeiçoamento nas técnicas de medição, a conhecida Antropometria. Foi graças às suas técnicas de medição que este acabou por refutar a ideia que César Lombroso tinha introduzido na época, poder-se perceber através das medidas do crânio se podia distinguir um criminoso de um não criminoso. (Duarte, 2017, p.12)

Para além das questões acima referidas surge também a referida curiosidade de tentar compreender e diferenciar os homens criminosos dos homens comuns, sendo a necessidade de conhecer a mente humana que influenciou Ferraz de Macedo a realizar a coleção (Duarte, 2017, p.6). A ideia de descrever os traços morfológicos que distinguem um determinado tipo humano de outro, através de mensurações detalhadas da cabeça e dos ossos, torna-se a chave para compreender não só as origens do homem, mas o próprio homem (Madureira, 2003, p.3).

A anatomia da cabeça torna-se o objeto antropológico por excelência, pois permite distinguir nitidamente os diferentes tipos humanos, descobrir as anomalias biológicas das raças e, até, revelar grandes linhas da psicologia étnica. Remonta precisamente a esta década o aparecimento de um conjunto de estudos sistemáticos de craniometria, onde se distinguem as investigações de Silva Amado, Arruda Furtado, Aurélio da Costa Ferreira e Ferraz de Macedo. (Madureira, 2003, p.3)

Por ser o seu maior foco, depressa conseguiu provas em como não existia uma correspondência entre o tamanho craniano e a preponderância para se ser ou não ser criminoso, anulando assim a teoria que César Lombroso tinha tornado famosa na época, chamada de “O Criminoso Nato”, em que este defendia ser possível distinguir, através das medidas do crânio, um criminoso de um não criminoso.

O seu principal resultado, foi estigmatizar “tipos sociais” como se fossem sujeitos criminosos de forma inata, já que a descrição de Lombroso correspondia diretamente à fisionomia dos indivíduos (Arreguy, 2010). O ponto chave da sua teoria era determinar que o criminoso seria geneticamente escolhido para o mal, tendo uma tendência inata para o crime, sendo este também o seu aspeto mais criticado. Segundo Lombroso, o criminoso não era vítima das circunstâncias sociais e educacionais desfavoráveis, mas sofria da tendência hereditária para o mal (Lombroso, [1876] 2010). Esta teoria deu ao seu autor bastante importância na área da Antropologia Criminal, trazendo de volta os princípios da Frenologia, nos quais se apoiou e fundamentou as suas ideias.

Com o objetivo de resolver esta questão, Ferraz de Macedo realizou várias visitas a penitenciárias e cadeias, com o intuito de obter dados antropométricos para utilizar nos seus estudos e fundamentar as suas obras. Este ramo de saber sofreu um forte

impulso para estudar os seres vivos patológicos, “os delinquentes e os aberrantes” (Madureira, 2003, p.3), porque os presos apresentavam a vantagem de constituírem uma “população” laboratorialmente estável, uma “matéria-prima” com baixos custos de investigação e um agrupamento que fornecia dados suficientes para produzir conclusões de âmbito estatístico (Madureira, 2003, p.3).

A coleção serviu então o seu propósito inicial, permitindo refutar uma teoria bastante importante e prestigiada na época. Nesse sentido seria de esperar que viesse a ser bastante interessante e procurada como objeto de estudo, mesmo quando deixou de ser apenas um objeto de estudo e passou a ser uma coleção museológica, disponível para consulta. No entanto, devido ao incêndio que assombrou o Museu Bocage em 1978 e a falta de informação segura sobre os crânios, na atualidade esta passou a não ter grande influência para qualquer tipo de estudo, sendo muito pouco requisitada por investigadores. Porém, no passado esta coleção foi alvo de bastantes estudos e análises por parte de profissionais e de estudantes.

1.4. História da Coleção

O número de objetos que inicialmente compunham a coleção doada ao Museu Bocage é desconhecido, pois as fontes não são unânimes. A coleção reunida por Ferraz de Macedo seria constituída originalmente por mais de mil crânios e 200 esqueletos completos identificados provenientes de cemitérios de Portugal continental. No registo biográfico escrito por Costa Ferreira (1908), este refere que Ferraz de Macedo passou “dia e noite” a medir e a estudar mais de um milhar de crânios e mais de uma centena de esqueletos portugueses, como referimos. Porém, existe também uma menção ao médico Francisco Ferraz de Macedo, antigo aluno de Broca, pioneiro na organização de uma coleção osteológica identificada representada por cerca de mil crânios e trezentos esqueletos, exumados de dois cemitérios de Lisboa (Cardoso, 2006 e Santos, 2007). Mais recentemente, segundo Lourenço e Neto (2011), a coleção foi doada pelo seu proprietário ao Museu Bocage em 1907, mais precisamente à secção zoológica, contemplando originalmente mais de mil crânios e um esqueleto completo originários de vários cemitérios de Lisboa.

Durante a sua vida, Ferraz de Macedo manteve uma ligação próxima com o Museu Bocage, utilizando as suas instalações para realizar as suas investigações, o que justifica a sua decisão.

Já em Lisboa, tinha contacto com a Faculdade de Medicina, onde é hoje o Museu de História Natural e Ciência. À medida que o tempo ia passando, e segundo a informação que consegui retirar da correspondência, nunca perdeu o contacto com esta mesma instituição. Os anos iam passando e o contacto entre Francisco Ferraz de Macedo e o Museu Bocage era estabelecido constantemente, pois este também se apropriou do mesmo para poder realizar os seus estudos, como que se de um escritório se tratasse. (Duarte, 2017, p.19)

É precisamente nesta data que existe uma anotação no documento oficial de doação, que recebeu o código interno de carta CN E13, sobre Ferraz de Macedo, referindo a sua doação em vida de todo o seu objeto de estudo e descobertas, constituído por mil e vinte e três crânios e um esqueleto completo, estudados e classificados, acompanhados por quadros, livros, desenhos, instrumentos e fotografias (Duarte, 2017, p.19).



Figura 4. *Coleção de Antropologia Ferraz de Macedo.* (MUHNAC, 2015).

Em consequência do referido grande incêndio de 1978, que destruiu grande parte das coleções zoológicas deste museu, subsistem apenas 27 crânios identificados e o livro de registo das medidas craniométricas, *Taboas Antropométricas*, do conjunto doado em princípios do século XX. Desde essa data, a coleção passou a ser composta pelos crânios humanos identificados e outros elementos pós-cranianos que restaram do acervo original de antropologia do antigo Museu Bocage (Lourenço & Neto, 2011).

Para além destes elementos, existe ainda alguma documentação referente a Ferraz de Macedo e a coleção que permite a sua contextualização.

Da correspondência recebida por Ferraz de Macedo, presente nos arquivos do MUHNAC, fazem parte duas cartas enviadas pelo antropólogo francês Paul Topinard (1830-1911), diretor da Société d'Anthropologie, Paris, uma de 20 de junho de 1882 e outra de 23 de abril de 1883. Nestas cartas, Topinard pede encarecidamente a Ferraz de Macedo que lhe envie crânios de portugueses, pois não tem representantes desta 'raça' nas suas coleções. Na segunda carta é muito explícito, escreve que 20 crânios já o deixariam muito feliz, mas “100 eram mesmo necessários para os seus estudos”. Topinard detalha inclusive como deve ser o embalamento e o que deve constar na etiqueta – “Objects d'Histoire Naturelle”. O Musée de l'Homme, Paris, tem nos seus acervos, 50 crânios de origem portuguesa, sendo 20 de Portugal continental e 30 das ilhas (Açores), mas não foi possível apurar junto do curador de restos humanos modernos do Museu do Homem quem os terá enviado. A ausência de uma carta de agradecimento de Topinard, no espólio de Ferraz de Macedo, faz-nos presumir que não terá sido ele a enviá-los. (Garcia, 2020, p.27)

Apesar de se terem conseguido salvar poucos crânios, ainda ficou a ser possível observar marcas de incêndio em alguns deles e identificar alguns fragmentos (Simões, 2016, p.15). Muito se perdeu da coleção que, até essa data, permitiu a Ferraz de Macedo e aos seus discípulos a produção de uma grande quantidade de trabalhos científicos.

Desde então, a exposição dos crânios não tem sido comum, com exceção de dois crânios presentes na denominada parede da memória da exposição *Memória da Politécnica: Quatro Séculos de Educação, Ciência e Cultura*¹ (Simões, 2016).

O que resta da coleção original está acondicionado no atual laboratório de Antropologia do MUHNAC. Antes de iniciarmos o nosso projeto, a informação existente sobre estes crânios era escassa e consistia na inventariação das peças apenas em termos quantitativos.

¹ Exposição realizada no Museu Nacional de História e da Ciência, desde 17 de fevereiro de 2012 a 3 de novembro de 2019. A exposição **Memória da Politécnica: Quatro Séculos de Educação, Ciência e Cultura** pretende contar a história deste local, que ao longo do tempo foi um polo de intensas trocas de conhecimentos, artefactos e espécimes entre o Oriente e o Ocidente e também de cruzamento de culturas.

No entanto, é importante que a coleção Ferraz Macedo não seja confundida com uma das outras duas grandes coleções de restos mortais presentes na reserva de antropologia do MUHNAC. A coleção Luís Lopes é constituída por cerca de 1700 esqueletos humanos identificados provenientes dos cemitérios da cidade de Lisboa, iniciada em 1981, e é uma das mais extensas e bem documentadas coleções do mundo, apresentando também uma grande amostra de não adultos. Faz também parte do acervo a coleção intitulada de Coleção Silva-Telles, uma coleção de esqueletos de origem africana, constituída por mais de 100 crânios, que foi depositada no museu pela Sociedade de Geografia.

1.5. A Coleção Atualmente

Comparativamente com os registos anteriores, e como já constatamos anteriormente, as referências retiradas de estudos e registos sobre a coleção ajudam-nos a verificar que não existe nenhum consenso sobre a número de crânios ou esqueletos pertencentes à coleção originalmente, nem mesmo após incêndio. Mesmo nos acervos do museu, não existe uma informação conclusiva, devido à presença de diferentes inventários, uns a meio, outros completos, não havendo até agora um documento oficial que tenha registado os números dos indivíduos pertencentes a esta coleção específica.

A maior parte dos indivíduos existentes não consta no livro original de Ferraz de Macedo. No entanto, conseguimos compreender que alguns pertencem à coleção pela marcação que apresentam no frontal, muito típica da forma como o médico antropólogo marcava a sua coleção. Outros apresentam diferentes números de inventário e marcações feitas de forma diferente.

Durante o nosso estágio, conseguimos compreender que a coleção ainda existente no MUHNAC se trata apenas de uma pequena parte da coleção reunida por Ferraz de Macedo, como podemos conferir no gráfico abaixo, que compara as várias referências à coleção, em questão ao número de crânios ou esqueletos presentes.

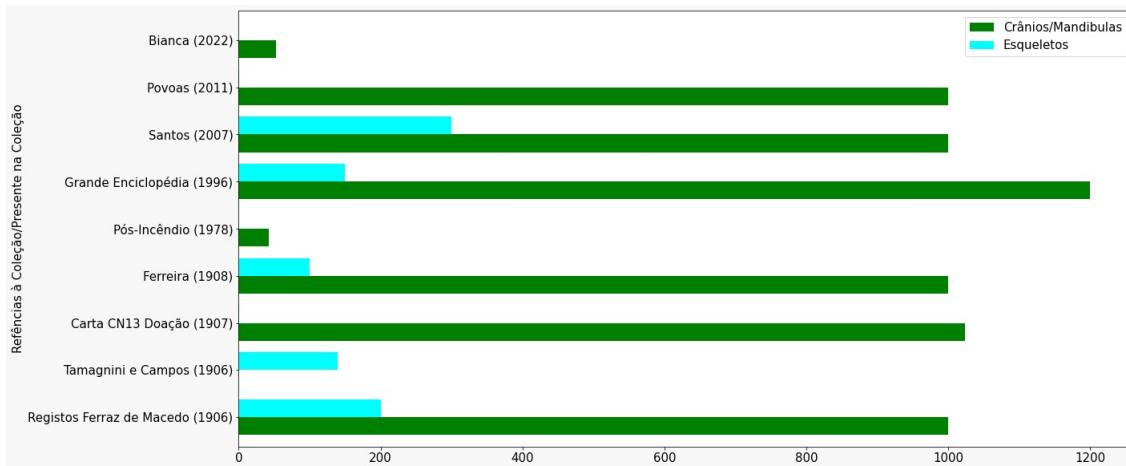


Figura 5. Gráfico ilustrativo da quantidade de crânios e esqueletos presentes na coleção segundo várias referências.

Com base neste gráfico, podemos ver que vários autores escreveram e estudaram sobre a coleção. Porém, raramente as conclusões retiradas foram as mesmas. Segundo a bibliografia recolhida, o próprio Ferraz de Macedo mencionou que a coleção era constituída por mais de mil crânios e duzentos esqueletos completos, mas no documento oficial que regista a doação em vida ao Museu Bocage existe a referência a 1023 crânios e apenas um esqueleto completo, apesar das informações avançadas por outros autores.

Mesmo que posteriormente ao incêndio alguns autores continuem a referir-se à coleção como se esta estivesse ainda completa, o conjunto de crânios sofreu, para além de grande desgaste, uma grande redução em termos qualitativos, existindo várias versões da sua contabilização, que referem entre 30 e 42 crânios e nenhum esqueleto. Depois de inventariar a coleção, contabilizámos 53 indivíduos, sendo que apenas 27 estão identificados e correspondem seguramente à coleção Ferraz de Macedo, englobando crânios, completos e incompletos, com e sem mandíbula, alguns constituídos por fragmentos do crânio e outros apenas com a mandíbula presente; não existindo nenhum esqueleto completo na coleção.

Concluindo, não é possível compreender uma correlação entre os vários valores, pois o registo mais fiel seria o do próprio colecionador que não coincide com o da doação. Poderia existir uma relação de decréscimo de peças na coleção. No entanto, a maior parte dos dados não são certos e não há registos em que se possam confirmar datas, quantidades e até mesmo números de coleção, sendo assim muito difícil compreender qual seria a dimensão original da coleção, existem até dúvidas se todos os indivíduos inventariados atualmente como fazendo parte da coleção Ferraz de Macedo,

realmente lhe pertencerão. Por essa razão consideramos que o mais correto para os crânios, deverá ser o que se encontra registrado no documento de doação: 1023 crânios. Em relação aos esqueletos, embora a documentação refira apenas 1 esqueleto completo, há vários relatos em primeira mão que referem que seriam mais de 100 (Rocha, 1995).

2. O Inventário da coleção

2.1. Inventariação da Coleção

Para descrever o processo de inventariação desta coleção, é necessária uma contextualização com uma introdução a questões éticas e às metodologias utilizadas para todo o processo.

As normas de ética ditam os cuidados e intenções a ter com a coleção, fundamentais por esta ser composta por restos humanos. Segundo o Department for Digital, Culture, Media & Sport (2005), os museus e outras instituições que guardam restos humanos devem garantir que quaisquer atividades que realizem em relação a este tipo de objetos sigam determinados princípios éticos.

Não existe um grupo de normas específicas, por isso é incentivado que cada instituição tenha um manual de normas. Porém, é possível verificar que a maior parte dos manuais sugere normas bastantes semelhantes, até idênticas. Ainda segundo o Department for Digital, Culture, Media & Sport (2005) o quadro ético estabelece os princípios éticos que devem ser utilizados no manuseio de restos humanos, nos seus cuidados ou no tratamento de problemas.

*Princípios éticos: 1 Não maleficência - não causar dano; 2 Respeito pela diversidade de crenças - respeito pelas diversas crenças e atitudes religiosas, espirituais e culturais em relação aos restos mortais; tolerância; 3 Respeito pelo valor da ciência - respeito pelo valor científico dos restos humanos e pelos benefícios que a investigação científica pode produzir para a humanidade; 4 Solidariedade - promover a humanidade através da cooperação e do consenso em relação aos restos humanos; 5 Beneficência - fazer o bem, proporcionar benefícios a indivíduos, comunidades ou ao público em geral.*² (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005, pp.14-15)

² *Ethical principles: 1 Non-maleficence - doing no harm; 2 Respect for diversity of belief - respect for diverse religious, spiritual and cultural beliefs and attitudes to remains; tolerance; 3 Respect for the value of science - respect for the scientific value of human remains and for the benefits that scientific inquiry may produce for humanity; 4 Solidarity - furthering humanity through co-operation and consensus in relation to human remains; 5 Beneficence - doing good, providing benefits to individuals, communities or the public in general.* (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005, p.14-15). Tradução livre.

Também existem outras questões a considerar quando se trata de restos humanos: o tratamento dado aos restos mortais pode causar ofensa aos familiares ou indivíduos da mesma etnia, qual o potencial dos restos mortais para obter conhecimento e se existem conflitos de interesse (Museums Galleries Scotland, 2011). Ao lidar com restos humanos, os museus devem demonstrar: rigor; honestidade e integridade, sensibilidade, respeito, comunicação responsável, abertura, transparência e justiça (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005, p.14).

Concluindo, as normas de ética e códigos profissionais não garantem que os esqueletos sejam curados de forma ótima, mas podem encorajar a que sejam tratados como restos de humanos falecidos, de forma a incentivar cada vez mais que os investigadores adotem boas práticas no seu trabalho.

Antes do nosso inventário, a coleção estava armazenada na área de Antropologia do MUHNAC, num armário com gavetas que se encontra no laboratório. Os crânios e fragmentos ocupavam um número reduzido de gavetas, e não estavam acondicionados de forma individual. As etiquetas presentes nas gavetas do armário não correspondiam ao seu interior, e o inventário estava incompleto.

O nosso trabalho começou por uma análise do armário e de quais as condições em que se encontrava a coleção, verificando-se que estavam acondicionadas diversas peças pertencentes a outras coleções no armário. Por essa razão, antes de iniciar o inventário da coleção Ferraz de Macedo, foi preciso organizar primeiro as gavetas com outras coleções, para se ganhar espaço para acondicionar melhor a coleção em estudo.



Figura 6. *Gaveta antes do acondicionamento*, Coleção Ferraz de Macedo, MUHNAC, Universidade de Lisboa (fotografia B. Lopes, cortesia Universidade de Lisboa).

Também, de acordo com o Department for Digital, Culture, Media & Sport (2005), os museus com coleções de restos humanos de dimensão significativa devem criar uma área de armazenamento dedicada exclusivamente à coleção, de modo a proporcionar-lhe as melhores condições possíveis. Mesmo que esta não seja de grande dimensão é importante ter o seu espaço e estar bem-acondicionada pois, as instituições devem demonstrar que as coleções de restos mortais estão armazenadas de forma segura e sustentável, em condições que não ameacem sua integridade a longo prazo (Museums Galleries Scotland, 2011).

Depois de conseguir libertar algumas gavetas para acondicionar os restos humanos de forma mais ética e segura, retirámos, o conteúdo das gavetas, aspirámos o pó e desinfetámos com álcool a 70%, para de seguida forrar as gavetas com espuma de polietileno. Nestes casos, as instalações devem ser mantidas limpas e verificadas regularmente quanto a pragas, danos, vazamentos em recipientes de armazenamento e outras ameaças potenciais, sendo essencial evitar problemas associados a roedores e outras pragas, cumprindo-se todos os regulamentos de saúde e segurança apropriados (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005, p.19).

Durante a limpeza, é importante manter a integridade dos restos humanos evitando-se tratamentos que causem contaminação ou danos permanentes, que irão possibilitar futuras pesquisas e estudos (Museums Galleries Scotland, 2011).

Durante a organização do armário destinado à coleção, reparámos que não existia uma norma ou sequência utilizada no acondicionamento das peças. Por essa razão considerámos melhor começar por identificar os restantes objetos nas gavetas. Depois de identificados e acondicionados, optámos por tratar da coleção Ferraz de Macedo, retirando os crânios, as devidas mandíbulas e os fragmentos para limpeza, caso necessário. Após a sua descrição, as peças pertencentes à coleção foram acondicionadas individualmente.

Depois de retirar cada crânio da gaveta com todos os cuidados, realizámos uma limpeza na bancada, com o auxílio de um pincel para eliminar algum pó ou terra, em seguida, demos início à análise detalhada do indivíduo, descrevendo detalhadamente cada um dos seus planos e anotando toda a informação. Por fim, os crânios foram medidos com um compasso (nas três principais medidas cranianas, comprimento máximo, largura máxima e altura máxima).

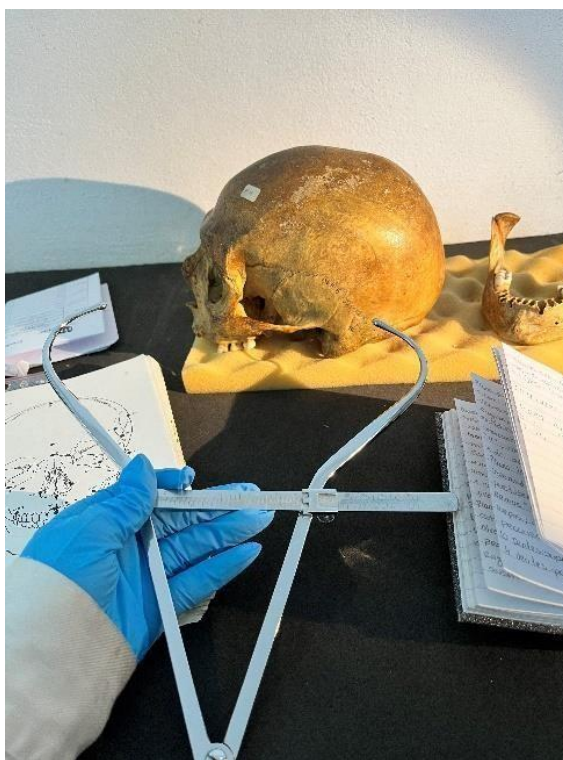


Figura 7. *Medições cranianas*, Coleção Ferraz de Macedo, MUHNAC, Universidade de Lisboa (fotografia B. Lopes, cortesia Universidade de Lisboa).

Com a descrição pronta, preparámos sacos individuais onde acondicionámos os crânios ou os restos mortais, de forma a ficarem protegidos do pó. O número de inventário foi atribuído pela ordem com que o crânio surge no livro *Taboas Antropométricas*.

Se o indivíduo estiver completo, a mandíbula e os pedaços soltos são acondicionados num saco à parte identificado com o número de inventário do indivíduo e colocado dentro do saco juntamente com o crânio. Esse saco também está identificado com o número de inventário. Seguindo a norma existente em vários manuais de inventário, como o Spectrum (2022), se um objeto tiver um número de inventário marcado nele ou uma etiqueta anexada, deve ser feito o registo usando esse número; se não houver um número rotulado ou marcado, deve dar-se ao objeto um número de identidade temporário. Para o acondicionamento, seguimos as instruções de Lessa (2011, p.12) que refere que:

Os ossos devem ser acondicionados em sacos plásticos com fecho zip segundo região anatómica (por exemplo, cada par de ossos longos; cada segmento da coluna vertebral). Os ossos dos pés e das mãos e costelas devem estar separados por lado. Fragmentos identificados, mas não restaurados, devem ser embalados separadamente em sacos menores e inseridos no saco dos ossos correspondentes.



Figura 8. *Acondicionamento*, MUHNAC-MB60-1227, Coleção Ferraz de Macedo, MUHNAC, Universidade de Lisboa (fotografia B. Lopes, cortesia Universidade de Lisboa).

Depois de realizado o processo descrito, arrumámos o armário, começando pelos objetos que não pertencem à coleção em estudo. Com o intuito de disponibilizar mais espaço para a coleção Ferraz de Macedo, conseguimos colocar espaçadamente os indivíduos em onze gavetas (cerca de seis por gaveta), com bastante espaço e devidamente acondicionados.

Por fim, quando a coleção se encontrava devidamente acondicionada, fizemos novas etiquetas plastificadas para as gavetas, de forma a coincidirem com o seu conteúdo, tornando a procura da coleção ou de indivíduo em específico muito mais prática e rápida.



Figura 9. Gaveta depois do novo acondicionamento, MUHNAC-MB60, Coleção Ferraz de Macedo, MUHNAC, Universidade de Lisboa (fotografia B. Lopes, cortesia Universidade de Lisboa).

Para tornar o inventário mais completo, foi sugerido ao museu que fizesse o registo digital da coleção. Esta tarefa foi realizada por dois alunos finalistas da Licenciatura em Fotografia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (José Fadolla e Bruno Miguel dos Santos) que se encontravam a realizar o seu estágio de final de curso no MUHNAC. No âmbito do estágio iniciámos o acompanhamento da recolha das imagens que ficaram concluídas já depois do estágio terminar com o acompanhamento da curadora.

As imagens fotográficas, digitais e desenhos científicos do acervo são um recurso valioso, tanto para propósitos de referência internos como para utilização pelos investigadores e público. Podem ser mostradas, por exemplo, a agentes da autoridade e a funcionários das alfândegas e aos meios de comunicação, caso um objeto tenha sido roubado e podem ser inseridas na Internet, se a coleção ficar disponível online. Idealmente, seria útil ter uma imagem global do objeto, mais uma ou mais imagens mais detalhadas sobre as características próprias e inscrições. (Roberts, 2004, p.46)

Para além dos registos fotográficos, é também muito importante existirem registos escritos da coleção ao longo dos anos, em várias etapas do museu, em mudanças de localização da coleção, ou quando, por alguma razão, certas peças são emprestadas para exposições ou outras instituições.

O museu deve estabelecer registos sobre cada um dos bens do acervo e atualizá-los sempre que os objetos são examinados e utilizados. Os registos podem ser utilizados como base para investigação, acesso público, exposição, educação, desenvolvimento do acervo, gestão do acervo e segurança. Para suportar estas utilizações, os registos têm de estar estruturados constantemente em categorias ou campos discretos, em que cada um deles possa guardar uma informação específica. (Roberts, 2004, p.35)

Estes registos podem fornecer informações imprescindíveis sobre a coleção e sobre cada peça em específico, que podem ser úteis para investigadores e estudos a realizar sobre a coleção, ou para que os cuidados sobre a coleção sejam os corretos. Através dos registos realizados no presente, é possível compreender se certa peça se encontra no mesmo estado de conservação que no antigo registo, e tomar medidas de conservação e até de restauro, caso necessário.

Por essas razões, todas as instituições devem ter presente a necessidade de realizar registos periódicos, evitando perdas de informação ao longo dos anos. A coleção Ferraz de Macedo é um exemplo dessa falta de informação, ou seja, de uma coleção que sofre do fator da dissociação. Este conceito surge na Conservação Preventiva nas propostas de metodologias de avaliações de risco realizadas por Robert Waller, e está relacionado com vários fatores, como a perda de ligação entre as peças e o inventário, a negligência na gestão de uma coleção, entre outros (Alves, 2017).

Este agente afeta os aspetos legais, intelectuais e/ou culturais de um objeto, em oposição aos outros 10 agentes de deterioração, que afetam principalmente o estado físico dos objetos. Outra característica única deste agente é que a perda de valor de um ou alguns objetos de uma coleção pode reduzir o valor da coleção. (Waller, R, Cato, P., 2019)

Após serem feitos os registos, a informação é guardada nas bases de dados do museu, ficando acessível no computador do laboratório de antropologia, ao dispor da curadora e de investigadores autorizados. Futuramente, o museu poderá partilhar estes registos de acervo *online*, de forma a facilitar o acesso à informação aos investigadores e ao público em geral que esteja interessado no assunto.

No caso desta coleção, poderia dar-se o caso de os registos de informação e fotográficos não serem partilhados por se tratar de um assunto sensível. No entanto, no *site* do museu não se encontra nenhum tipo de registos, apenas resumos das temáticas das coleções.

Nestes casos, a informação da coleção apenas se encontra disponível para consulta por um pedido feito ao museu, a justificar a razão e do que se irá precisar. Na maior parte dos casos, este tipo de coleções é procurado por investigadores e por estudantes que estão a desenvolver projetos.

Deve ser elaborado um formulário de acesso às coleções para pesquisadores externos e estudantes, o qual deve ser enviado ao responsável no momento da solicitação para realização da pesquisa. Neste formulário deve constar um resumo do projeto de pesquisa constando o nome das séries a serem examinadas e o cronograma de trabalho do pesquisador, a fim de se evitar que seja excedida a capacidade de espaço do laboratório, e que o material seja manuseado por mais de um pesquisador por vez. Deve constar também a metodologia a ser empregada, a fim de que seja verificado se há intenção de se utilizar técnicas invasivas ou destrutivas, e em caso afirmativo avaliar a sua relação custo/benefício. (Lessa, 2011, p.14 e 15)

Na nossa opinião, era importante criar uma página na *Internet*, mesmo que privada e apenas acessível para pessoas autorizadas, para que a partilha de informação fosse facilitada para os diferentes segmentos de público.

Quanto ao acesso à coleção fisicamente, apenas têm acesso a curadora da coleção, estagiários e investigadores com autorização. Como a coleção não se encontra exposta, não existe acesso do público. A razão pela qual é tão restrita está relacionada com o seu cariz sensível, restos humanos.

No entanto, no panorama internacional, algumas instituições organizam exposições com restos humanos, como por exemplo o Perth Museum & Art Gallery, em Perth, na Escócia, na sua exposição intitulada: *Skin and Bone: Life and Death in Medieval Perth*. Mas nestes casos há o cuidado em expor os restos humanos de forma contextualizada, ou seja, a pertinência científica para a realização da exposição está explícita e é acompanhada por informação científica detalhada. Para além disso os

visitantes podem optar por não ver os restos humanos. A exposição decorreu durante 2010 e exibiu material esquelético num espaço separado dos restantes objetos, o acesso era feito por escadas para que os visitantes não fossem surpreendidos, podendo assim decidir através das imagens se queriam ver ou não essa parte da exposição. (Museums Galleries Scotland, 2011, p. 17-18)

Em termos éticos, existem códigos de conduta a seguir, para além de questões de segurança.

A preparação e disponibilização de inventários desses tipos de restos mortais deve ser priorizada. No entanto, os museus devem estar cientes de que, em alguns casos, tornar públicas as informações sobre os restos mortais podem ofender as comunidades afetadas. Portanto, deve tomar-se cuidado e, quando apropriado, realizar consultas para estabelecer o risco de causar esse tipo de ofensa. (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005, p. 24)

Da nossa análise concluímos que a coleção Ferraz de Macedo é bastante restrita e encontra-se bastante segura no MUHNAC, para além de existirem poucas pessoas com acesso, conforme referimos, a sua informação também está muito bem guardada e não é publicada em nenhum *site* ou base de dados públicos ou privados, apenas com uma autorização específica é possível aceder à coleção ou as informações da mesma. Para este acesso ser permitido, é necessário o interessado comprometer-se com uma conduta de ética e ter conhecimentos mínimos sobre como tratar de restos humanos com respeito.

2.2. Descrição em fichas de inventário

A ficha de inventário criada no âmbito deste projeto teve como objetivo descrever a coleção Ferraz de Macedo, seguindo os princípios da ficha utilizada pelo museu com a adição de campos específicos para a inventariação e descrição de restos mortais. Idealmente cada esqueleto deve ser detalhadamente inventariado numa ficha, que será a base para o acondicionamento das peças. Deve conter o sítio, o número do sepultamento, a estimativa de sexo e idade, as condições de preservação, os ossos e fragmentos presentes, os procedimentos realizados, e o local de armazenamento (Lessa, 2011).

Normalmente uma ficha de inventário é constituída por vários campos *standard*, ou seja, que são comuns em todos os museus e instituições e que aparecem em todos os manuais de metodologia. Porém segundo o manual *Como Gerir um Museu* do ICOM (2004):

Além de utilizar uma série de campos standards, é importante que o museu adote uma sintaxe e terminologia consistente para as entradas nos campos. As regras de sintaxe definem o modo como a informação é estruturada no campo. As regras de terminologia definem as condições permitidas nesse campo. As decisões do museu sobre a sintaxe e terminologia também devem ser incorporadas no manual de catalogação interno. (Roberts, 2004, p.36-37)

Tendo em consideração que para se constituir uma boa ficha de inventário existem alguns campos indispensáveis, consultámos e recolhemos exemplos de quatro manuais diferentes, os primeiros três, *Spectrum* (2022), *Como Gerir um Museu* (2004) e *Ciência e Técnica Normas Gerais* (2010), focam a importância dos campos gerais, enquanto o terceiro, do *Department for Digital, Culture, Media & Sport* (2005), foca o inventário de restos humanos.

*As principais informações de inventário de que precisa para cada objeto (ou grupo de objetos) são: um número de objeto único (a partir do qual deve ficar claro se o objeto é das suas coleções incorporadas, está emprestado ou se tem algum outro status, como um item de manuseio); Um nome de objeto; O número de objetos (se for um grupo); Uma breve descrição (ou imagem); A localização atual; Se não for do seu museu, um registro de quem é o proprietário do objeto; Uma nota de quem registrou esta informação e quando.*³ (Spectrum, 2022, p.1)

O inventário básico do acervo é composto por registos que incluem os campos principais e os campos essenciais às áreas de estudo individual. Por essa razão, o desenvolvimento do nível de informação do inventário deve ser a principal prioridade e deve incluir uma fotografia ou imagem digital do objeto (Roberts, 2004). Posteriormente, espera-se que um inventário resulte em relatórios que permitam, com

³ *The core inventory information you need for each object (or group of objects) is: A unique object number (from which it should be clear whether the object is from your accessioned collections, on loan, or has some other status such as a handling item); An object name; The number of objects (if a group); A brief description (or image); The current location; If not your museum, a record of who owns the object; A note of who recorded this information and when. (Spectrum, 2022, p.1). Tradução livre.*

os resultados, os processos obtidos, os métodos e os recursos envolvidos, não apenas formular uma memória histórica do projeto, mas também um meio de realização de projetos posteriores (Costa, 2010).

Independentemente da área de estudo, todos os registos devem incluir vários conceitos principais, como o Número do objeto e o Nome do objeto. Outros campos são igualmente importantes para áreas de estudo individuais, como o campo Título, o campo Período/Dados de Produção e o campo Nome de Classificação. Alguns destes campos são particularmente importantes para a gestão e segurança das coleções, como o Número do objeto, Localização Atual e Características Próprias. Outros campos são importantes para investigação e acesso público, como Produtor/ Fabricante e Período/ Data de Produção. (Roberts, 2004, p.36)

No manual mais ligado à inventariação de restos mortais, é defendido que o inventário, para além dos campos básicos, deve incluir informações conhecidas sobre a data e proveniência dos restos mortais e sua natureza exata, as circunstâncias de aquisição (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005) e alguns campos específicos como:

As informações que devem ser disponibilizadas ao público sobre as coleções de restos mortais devem incluir (quando conhecido): Números de restos mortais: normalmente serão individuais, mas também podem agrupar restos mortais em conjuntos ou séries; Natureza física: Por exemplo, se esquelético, quão completo, condição física; Data: A data estimada da morte; Procedência: Origem dos restos mortais e, se conhecido, o contexto da sua recuperação e história posterior; Status dentro de uma coleção: se eles estão totalmente incorporados ou, por exemplo, emprestados de outra instituição.⁴ (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005, p.22)

Ao realizarmos o inventário com a ficha de inventário do MUHNAC como guia, surgiram campos que não se adequavam completamente ao tema da coleção. Por essa

⁴ *Information that should be made publicly available about human remains collections should include (where known): Numbers of remains: This will normally be by individuals, but might also group remains into assemblages or series; Physical nature: For example whether skeletal, how complete, their physical condition; Date: The estimated date of death; Provenance: Where the remains originated from and if known the context of their recovery and subsequent history; Status within a collection: Whether they are fully accessioned, or for example on loan from another institution.* (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005, p.22). Tradução livre.

razão, introduzimos campos direcionados para as peças cruzando os campos descritos na ficha do museu com os descritos nos manuais acima referidos, para propor uma nova ficha de inventário, com campos específicos a uma coleção de Antropologia Física. Estes campos foram divididos em oito categorias:

- Identificação específica - engloba o número de inventário e a localização em reserva do indivíduo ou outras informações extra;
- Categoria - descreve a área a que pertence o objeto;
- Recolha e entrada no museu - incluindo datas e locais;
- Estado de conservação;
- Informações à cerca do indivíduo;
- Descrições - no presente caso, este campo foi dividido em 6 planos cranianos, mandíbula e dentição;
- Observações;
- Imagens.

Podem ser encontradas as fichas de inventário, realizadas durante o estágio e preenchidas na descrição e análise da coleção, nos anexos deste relatório.

2.3. Registo fotográfico e vídeo da coleção

Para realizar o inventário completo de uma coleção é fundamental a sua documentação fotográfica completa, se possível complementada por um vídeo de boa qualidade, para se poderem compreender todos os detalhes de cada peça.

Segundo Geoffrey Lewis (2004), o museu deve seguir cuidadosamente o estado de conservação do acervo para determinar quando um objeto necessita de trabalho de conservação ou restauro, tornando-se bastante mais fácil compreender se a peça se está a deteriorar com a ajuda de fotografias e vídeos. Por outro lado, fotografar a coleção também é bastante útil para a sua segurança, porque quando desaparece alguma das

peças, é necessário fornecer imagens suas e quanto melhor for a sua qualidade mais fácil será recuperar a peça em falta.

A fotografia é uma área especializada e o registo fotográfico e digital da coleção foi realizado por dois alunos finalistas da Licenciatura em Fotografia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. Em termos gerais, as fotografias foram feitas com um fundo preto adequado para fotografar as peças, foi montado no próprio laboratório, para que os crânios não necessitassem de ser movidos para outra sala. Devido à falta de luz deste espaço foi necessário utilizar iluminação específica para fotografar peças pequenas, o que aumentou a qualidade das fotografias e dos vídeos.

Atualmente, as fotografias podem ser utilizadas para várias situações, como impressão de posters, imagens para ilustrar artigos ou até publicidade do museu. Por essa razão é necessário que sejam em formato digital, para poderem ficar guardadas e não perderem a sua qualidade.

A fotografia digital está a aumentar em utilidade e em qualidade, atualmente fotografias de elevada qualidade podem ser impressas muito rapidamente, em impressoras a cores de jato de tinta, extremamente baratas. Por outro lado, a longevidade das imagens digitais para propósitos do museu ainda tem que ser avaliada, naturalmente que qualquer imagem digital deve ser transferida imediatamente, da memória da máquina fotográfica para o disco rígido do computador, fazer cópias regulares num meio externo ao museu. (Ladkin, 2004, p.27)

A sessão começou, com o apoio de uma máquina fotográfica profissional e por ordem de gavetas, de forma individual, de forma a não baralhar os crânios. Em qualquer que seja o formato, é importante que as fotografias produzidas estejam acompanhadas da sua identificação, com o número de inventário da peça e organizadas de modo a poderem ser encontradas e associadas facilmente. O registo constou de seis planos do crânio, das mandíbulas e dos fragmentos.



Figura 10. Sessão fotográfica, Laboratório de Antropologia. 2022.

Por fim, foi realizado um vídeo de alta qualidade, em que se rodaram os crânios numa plataforma computadorizada de forma a apanhar todos os seus planos. O registo das fotografias e vídeos no acervo deve ser realizado com os seguintes dados: identificação da coleção, nome do fotógrafo, tema da coleção, data das fotografias e palavras-chave que ajudem na identificação da coleção ou peça (Reis, 2019).

Para além de fotografar as peças para que constem imagens das mesmas no inventário, é também importante compreender que as mesmas poderão vir a ser utilizadas para pesquisas, educação ou publicações feitas pelo museu. Quando se trata de utilizar fotografias de bens sensíveis como é o caso da coleção Ferraz de Macedo, pode ser difícil para algumas culturas aceitar fotografar restos mortais, principalmente sendo os seus ancestrais. Muitas culturas consideram a prática pouco ética e não concordam com ela, nem com a sua publicação. Nestes casos, é recomendado que as comunidades ou organizações envolvidas sejam consultadas (Museums Galleries Scotland, 2010).

Considerando o que vem exposto no *Jornal Oficial da União Europeia*, a 8 de março de 2022, que:

Apoia firmemente o reconhecimento, por parte de alguns Estados-Membros, da necessidade de restituir obras e artefactos culturais aos seus locais de origem, uma vez que tal permitiria promover o respeito e o entendimento mútuo do património cultural de cada um, bem como aumentar o valor deste património, nomeadamente através do acesso público a essas obras e artefactos; solicita a

realização das atividades de investigação, dos estudos e dos intercâmbios necessários para a criação de programas coerentes que permitam restituir obras e artefactos culturais aos seus países de origem ou a outras instituições culturais adequadas designadas pelo país de origem, em conformidade com as convenções internacionais em vigor em matéria de proteção do património cultural; incentiva a Comissão a facilitar o diálogo para promover a partilha de boas práticas entre Estados-Membros, países terceiros, museus e outras instituições culturais. (Jornal Oficial da União Europeia, 2022, p.25)

Apesar da coleção Ferraz de Macedo não estar sujeita a uma situação de repatriação ou restituição de bens culturais, pois é uma coleção apenas portuguesa, não podemos deixar de pensar que se por alguma razão as peças forem alvo de críticas de natureza ética, as fotografias serão a forma mais fácil de provar que não existiu desrespeito pelos restos mortais.

3. Caracterização e descrição da coleção

Apesar de a coleção Ferraz de Macedo existente atualmente, ter acondicionado 53 crânios apenas existem certezas de que 27 realmente pertençam à mesma, pois os restantes 26 crânios não apresentam a mesma aparência e não possuem a numeração típica da coleção. Neste capítulo iremos focar-nos nesses 27 indivíduos que se encontram identificados nos apontamentos presentes no livro de registos de Ferraz de Macedo *Taboas Antropometricas*, ou seja, de que existem informações disponíveis.

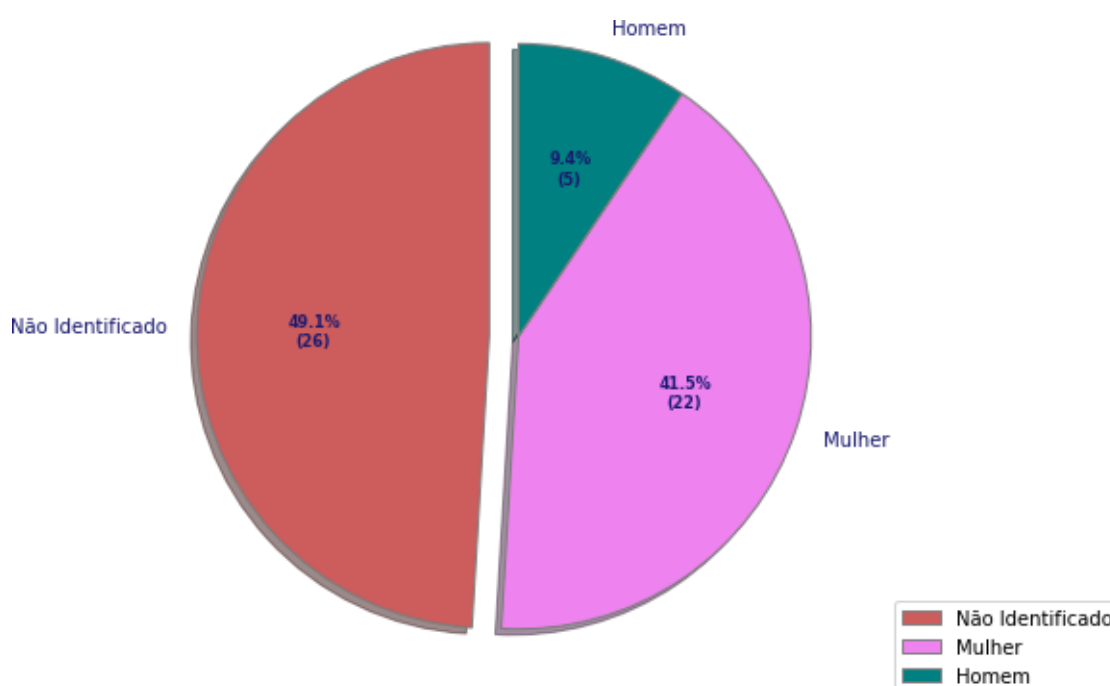


Figura 11. Gráfico comparativo entre indivíduos não identificados, homens e mulheres.

Como está descrito no gráfico, na coleção estão representados 53 indivíduos portugueses, exumados de dois cemitérios de Lisboa. Desses 53 indivíduos, apenas 27 estão identificados e registados no livro do antropólogo Ferraz de Macedo. Isso significa que 26 dos indivíduos presentes não tem registo, nem qualquer tipo de informação. Dos 27 indivíduos identificados, 5 estão identificados como sendo do sexo masculino e 22 do sexo feminino.

Quanto à idade à morte dos indivíduos, pudemos concluir que a coleção é bastante jovem, pois a maior parte dos indivíduos (23), estão numa faixa etária entre os 20 e os

50 anos. Para sermos mais precisas, dos 27 indivíduos identificados, 7 tinham idades entre os 20 e os 29 anos, 6 entre os 30 e os 39 anos, 10 entre os 40 e os 49 anos, apenas 1 estava entre os 50 e 59 anos e 2 apresentavam idades entre os 60 e os 69.

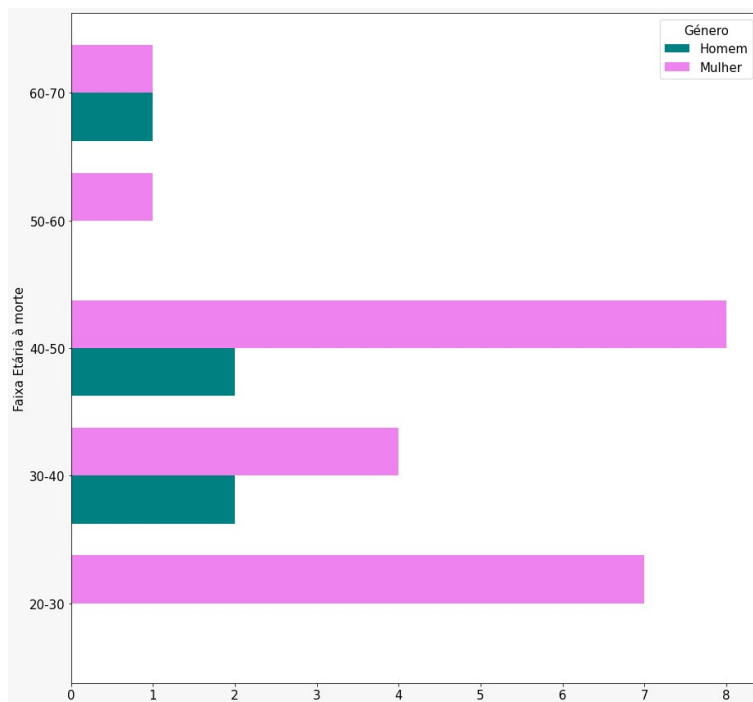


Figura 12. Gráfico comparativo de faixa etária à morte e sexo.

Analisando cada faixa etária, a faixa etária entre 20 e 29 anos é constituída apenas por mulheres. Na faixa etária dos 30 a 39 anos dos 6 indivíduos, 4 são do género biológico feminino e 2 do masculino. Na faixa etária com mais indivíduos, entre os 40 e 49 anos, dos 10 indivíduos 8 são do género biológico feminino e apenas 2 do masculino. Na faixa etária entre os 50 e 59 anos existe apenas um individuo do sexo feminino e, por último, na faixa etária entre os 60 e 69 anos há registo de 2 indivíduos, um homem e uma mulher.

Através da informação das profissões dos indivíduos identificados, conseguimos compreender alguns hábitos na população que residia nesta época em Lisboa, o que torna esta informação muito importante e interessante do ponto de vista do investigador. Infelizmente, apenas 7 indivíduos apresentam tal informação nos registos. Com base no gráfico, verificamos que dos 7 indivíduos apenas 2 são homens, sendo um barqueiro com 36 anos e um carpinteiro com 41 anos, os restantes 5 indivíduos são mulheres 3,

delas domésticas com 23, 35 e 41 anos, uma meretriz com apenas 20 anos e uma modista com 58 anos.

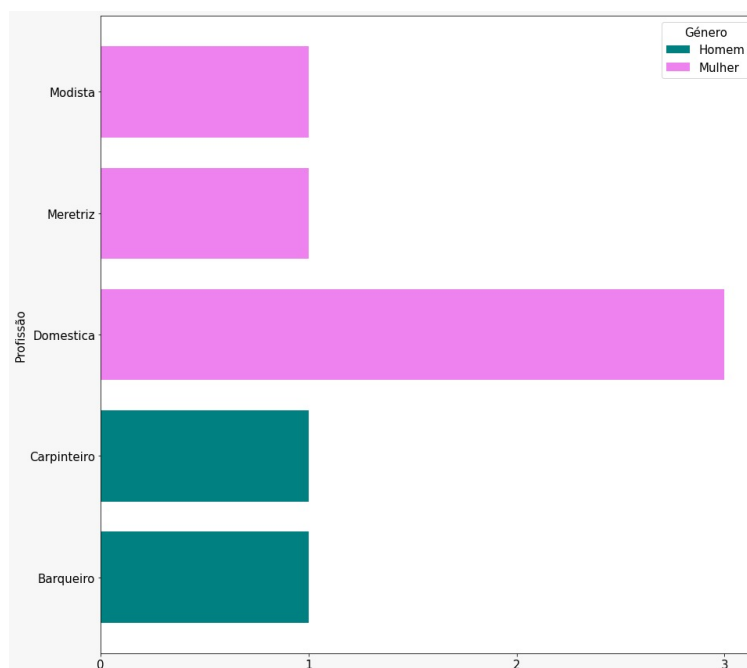


Figura 13. Gráfico comparativo de profissão e gênero.

Para além da profissão, é interessante perceber também o estado civil dos indivíduos e cruzar as duas informações para podermos fazer um retrato da época vivida por estes indivíduos, principalmente no caso das mulheres que nem sempre foram livres de ter a sua própria profissão. Cruzando as duas informações concluímos que apenas os 2 homens com profissão eram casados, as restantes mulheres (5) com profissão eram solteiras, realçando que as mulheres casadas assumiam, na época, as tarefas domésticas embora também pudessem realizar trabalhos fora de casa.

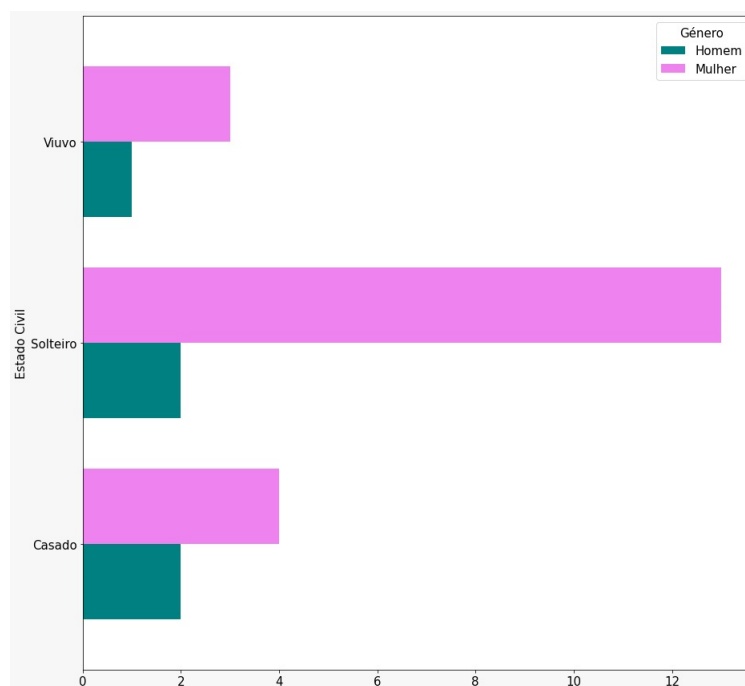


Figura 14. Gráfico comparativo de estado civil e género.

Dos 25 indivíduos com informação do estado civil, temos uma grande percentagem solteira, 15 indivíduos, sendo que desses 15 apenas 3 eram do sexo masculino com as idades de 30, 45 e 47 anos e 12 do feminino, com idades muito distintas, 3 mulheres com 20 anos, 1 com 21 anos, 1 com 23 anos, 1 com 35 anos, 1 com 41 anos, 1 com 43 anos, 1 com 45 anos, 1 com 49 anos e 1 com 58 anos. Apenas 6 indivíduos eram casados, 3 homens com idades de 36, 39 e 41 anos e 3 mulheres com idades de 25, 30 e 36 anos. Temos também indicação de 3 indivíduos viúvos, neste caso 3 mulheres com idades de 44, 45 e 68 anos.

Quanto às causas da morte dos indivíduos, apenas temos conhecimento em 25 indivíduos. Esta informação é preciosa para investigadores pois permite compreender as doenças mais mortíferas da época, fornecendo também dados importantes para a Medicina.

Como podemos verificar no gráfico, a causa de morte mais presente nas mulheres nesta amostra é o “T.P.” o que, pelas nossas pesquisas corresponde a tuberculose pulmonar, muito comum na época. Existe o registo de 11 indivíduos que morreram da doença, todas elas mulheres, com faixas etárias bastante diferentes, 2 com 20 anos, 1 com 21 anos, 2 com 23 anos, 1 com 30 anos, 1 com 35 anos, 1 com 41 anos, 1 com 45 anos, 1 com 49 anos e 1 com 58 anos.

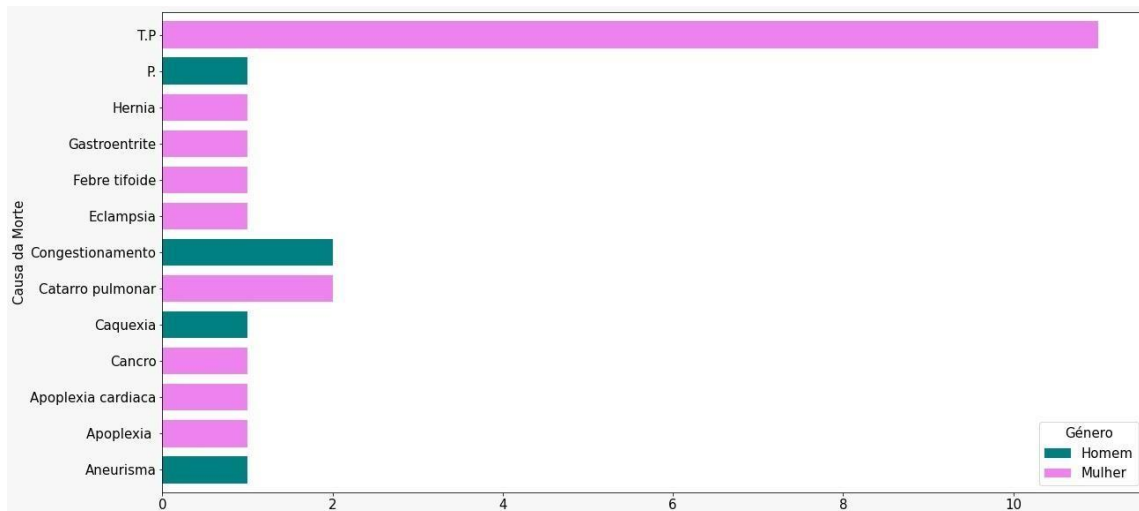


Figura 15. Gráfico comparativo de causas de morte e sexo.

Existe também registo de uma mulher com 44 anos que morreu de febre tifoide, 2 mulheres com 45 e 68 anos que morreram devido a apoplexia. Com eclampsia faleceu 1 mulher com 25 anos; e o cancro levou 1 mulher de 36 anos. 1 mulher de 20 anos morreu de gastroenterite, e 2 mulheres com 43 e 44 anos morreram de catarro pulmonar, por fim 1 mulher de 45 anos morreu devido a hérnias. Nos homens a causa mais comum foi o congestionamento, que matou 2 homens com 36 e 41 anos. 1 homem de 30 anos morreu de algo abreviado com “P.”, que não conseguimos descobrir do que se trataria, mas devido à época pensamos ser pneumonia. Com 65 anos, morreu 1 homem com caquexia e 1 homem com 47 anos morreu devido a um aneurisma.

Para concluir, é também importante referir que dos crânios destes 53 indivíduos, 41 estão completos ou com pequenas omissões, 8 estão incompletos ou têm apenas pedaços presentes e de 4 estão apenas presentes as suas mandíbulas. Em 1 dos indivíduos incompletos está presente uma falange e um cuneiforme.

Estes dados comprovam que contando que a coleção apresenta mais de um século e sobreviveu parcialmente a um incêndio, o seu estado de conservação, apesar de existirem algumas peças muito destruídas e bastantes com marcas de incêndio, no geral é bom, sem qualquer tipo de peste associada ou sujidade, ou outro processo de degradação nos restos ósseos.

4. Recomendações de exposição e preservação

4.1. Questões éticas da exposição

Quando se pretende expor restos humanos, primeiramente tem de se estar consciente do efeito que essa temática pode despertar no público, sendo um tema de cariz sensível, é necessário reavaliar se a sua exposição realmente irá trazer benefícios para a sociedade e se está a reforçar a aceitação da cultura representada na exposição. Não queremos que esta resulte num aumento de estereótipo, mas sim que amplie a compreensão da cultura em questão, para que esta seja revelante para os dias de hoje.

Na realização de uma exposição é sempre necessário seguir as normas de ética, especialmente numa exposição de restos mortais, pois sem intenção podemos desrespeitar a cultura representada e criar uma conotação negativa.

*Se um museu deseja exibir restos humanos, deve considerar as seguintes questões: Como a inclusão de restos humanos contribui para a interpretação e pode esta ser alcançada de outra forma? Que material explicativo seria fornecido e explicaria o porquê de restos humanos estarem em exposição? Devia colocar um aviso para que os visitantes saibam previamente que restos humanos estão expostos, ou até mesmo criar uma área específica para a sua exposição?*⁵
(Museums Galleries Scotland, 2011, p.17)

Devemos considerar o estado de conservação como fundamental na decisão de expor ou não a peça, pois não deve ser exposto se o seu estado de conservação não o permitir, isto para que a peça não sofra deterioração. Nesse sentido, deve existir uma programação museológica que concilia o modo de exposição com as boas práticas de conservação (Camacho e Sousa, 2007).

Os maiores riscos num espaço expositivo desta natureza serão os desastres e o vandalismo, sendo por isso recomendado que a dimensão das salas e corredores de circulação sejam adequados às peças expostas, de forma a protegê-las deve reforçar-se a

⁵ *Exhibitions in museums carry authority. Curators should be aware of the likely public effects of exhibitions. They should evaluate whether an exhibition is reinforcing cultural stereotypes or broadening an understanding of a particular group of people in a way which is relevant to the present day.* (Museums Galleries Scotland, 2011, p.17). Tradução livre.

necessidade de criar espaços protegidos, como vitrines, que assegurem maior segurança (Luppi, 2020). Seguidamente, iremos aprofundar este ponto.

4.2. Recomendações de Conservação Preventiva

O objetivo deste subcapítulo é realizar um conjunto de recomendações para a preservação e manuseamento da coleção Ferraz de Macedo. Para alcançar esse propósito, é fundamental uma contextualização sobre o conceito de conservação preventiva.

Desde muito cedo que o ser humano manteve e cuidou dos seus objetos importantes. Por essa razão, podemos considerar que a preservação é uma atividade de longa data, incluindo conceitos e práticas especializadas no domínio patrimonial, como a conservação preventiva (Alarcão, 2007).

Conservação Preventiva compreende todas as medidas e ações que tenham como objetivo evitar ou minimizar futuras degradações ou perdas de leitura e de material, partindo do contexto ou ambiente circundante de um bem cultural ou, mais frequentemente, de um conjunto de bens, independentemente da sua condição ou idade. Essas medidas e ações são indiretas pois não interferem com os materiais nem com a estrutura dos bens, e não modificam a sua aparência. (ICOM-CC, 2008, p.2)

Para além desta, existem várias definições para o conceito de Conservação Preventiva. Segundo Camacho e Sousa (2007) podemos defini-la, em traços gerais, como as ações que, diretamente ou indiretamente, visam prevenir o retardamento do processo de degradação e envelhecimento de um conjunto de bens. Esta ideia vem ao encontro do defendido mais recentemente por Bojanoski, Michelos e Bevilacqua (2017). Para completar, o American Institute for Conservation (2022) defende que a conservação é a profissão dedicada à preservação de bens culturais para o futuro; já a preservação é definida como a proteção de bens culturais por meio de atividades que minimizem a deterioração e que evitem danos e a perda de conteúdo, sendo o seu principal objetivo prolongar a existência do bem cultural.

Normalmente, quando falamos em Conservação Preventiva, estamos a referir-nos às condições físicas em redor do objeto (Alves & Frade, 2017), considerando que é

muito importante para que as coleções perdurem no tempo, como defendem Camacho e Sousa (2007). Tendo a noção de que um objeto, seja qual for a sua constituição, pode danificar-se ou mesmo destruir-se a qualquer momento ou ao longo do tempo, o museu, como detentor do património cultural, tem o dever de o conservar (Alarcão, 2007).

A conservação preventiva é um elemento importante na política de preservação do acervo do museu. A principal responsabilidade dos profissionais de museus, é prover e manter um ambiente adequado para a preservação do acervo ao seu cuidado, quer este esteja em reserva, exposto ou em trânsito. (Lewis, 2004, p.10)

Neste caso em específico, é necessário compreender que estamos a tratar de uma coleção que precisa de cuidados específicos, considerando que a conservação é muito importante para as coleções constituídas por restos mortais, pois constitui uma das principais condicionantes à sua análise, visto que o mau estado de conservação limita a quantidade e a qualidade de informação que se pode extrair do estudo das amostras (Garcia, 2017).

Desta forma, dadas as especificidades do acervo esquelético humano enquanto material orgânico (constituído por moléculas de compostos orgânicos, as quais contêm átomos de carbono em sua estrutura básica), e higroscópico (que absorve facilmente a umidade), é fundamental o conhecimento de suas características congênicas, ou seja, suas reações normais frente aos fatores externos e predisposições internas de degradação. (Lessa, 2011, p.5)

Segundo o Graham (2020), no acervo de espécimes orgânicos, que incluem taxidermia, ossos e esqueletos não fossilizados, insetos, botânica e ninhos de pássaros, todos os agentes de deterioração devem ser considerados como potencial ameaça. Os dez agentes de deterioração que provocam danos ou perda para o acervo são as forças físicas, os roubos, o vandalismo e manuseio inadequado; os incêndios, a água, as pragas, a poluição, a iluminação incorreta, a temperatura incorreta, a humidade relativa incorreta e a dissociação (Government of Canada, 2017).

Dada a sua utilização para fins de investigação, realizámos um conjunto de recomendações para esta coleção, baseada nas ameaças que mais prováveis, tendo em conta o material da coleção, como se encontra acondicionada, para o que é utilizada e o lugar onde se encontra.

Para realizar esta lista identificamos como potenciais ameaças para a coleção Ferraz de Macedo os seguintes fatores: a temperatura incorreta, a humidade relativa incorreta, a luz e radiações ultravioleta e infravermelha, forças físicas/ manuseamento incorretos e a dissociação.

4.2.1. Temperatura Incorreta

Embora os restos mortais não exijam condições ambientais muito controladas, convém que as áreas de acondicionamento e exposição não estejam sujeitas a grandes oscilações de temperatura. Nesse sentido, devemos escolher a temperatura de acordo com o material da coleção, de modo a minimizar o risco de danos (Alarcão, 2007). É recomendado pelo German Museums Association (2021) que a sala onde se encontra a coleção de restos mortais esteja no máximo a uma temperatura entre os 18°C e os 20°C.

Por essa razão, instalações subterrâneas, jardins ou pátios exteriores não são áreas apropriadas para armazenar coleções osteológicas, uma vez que a temperatura atinge níveis extremos (Lessa, 2011). Para conseguir controlar a temperatura, é fundamental que o edifício ou a zona onde se encontra a coleção seja o mais estanque possível, sendo as portas que derem para o exterior devidamente vedadas, podendo criar-se uma segunda porta para um local coberto (Camacho e Sousa, 2007).

Para termos a certeza de que as temperaturas corretas são mantidas, é necessário existir um controlo minucioso da temperatura da sala onde se encontra o acervo, esta monitorização é fundamental para que o museu compreenda se está a aplicar a temperatura apropriada para a coleção. Os dados obtidos são essenciais para, caso seja necessário, implementar estratégias que melhorem as condições e para verificar se as mesmas se estão a desenvolver corretamente (Camacho e Sousa, 2007).

A coleção encontra-se numa sala de paredes grossas com janelas de madeira e portadas também de madeira. Embora as janelas sejam estanques, a coleção está acondicionada num armário metálico com gavetas. Tanto as gavetas como as portas estão sempre fechadas. A fachada do laboratório está orientada a sul e as portadas estão sempre fechadas.

4.2.2. Humidade relativa incorreta

Continuando com as condições ambientais, a humidade relativa incorreta também pode ser um risco para a coleção Ferraz de Macedo. Existem várias fontes de humidade que podem ocorrer no museu e no seu espaço envolvente, como, por exemplo a humidade exterior, a chuva, a humidade existente no solo e nas paredes do edifício, inundações e a respiração e transpiração humana.

Numa coleção de restos mortais, a humidade relativa deve estar entre os 35% a 70% e não deve ultrapassar os 85%. A humidade é considerada excessiva acima dos 65% e pode resultar no desenvolvimento de microrganismos, como fungos. Geralmente, este problema surge como resultado do armazenamento em edifícios com problemas de humidade estrutural. A humidade excessivamente baixa, abaixo dos 30%, pode causar rachas ou descamação do osso, um problema comum em edifícios com aquecimento central (Museums Galleries Scotland, 2011, p.18).

O osso e especialmente os dentes são muito sensíveis às flutuações de humidade relativa, sendo os dentes particularmente vulneráveis devido à sua estrutura, ficando frequentemente fissurados logo após serem coletados por essa mesma razão (German Museums Association, 2021).

Existem várias práticas que se podem adotar para controlar de forma passiva a temperatura e a humidade relativa: Limitar o número de pessoas num determinado espaço (exposição ou reserva); Evitar colocar objetos na proximidade de focos de luz intensa, janelas, portas ou paredes exteriores e em zonas de correntes de ar; Impedir o aumento de temperatura provocado pela entrada de luz solar direta; Colocando persianas ou filtros nas janelas. (Camacho e Sousa, 2007, p.61)

Para se iniciarem estes procedimentos, devemos identificar e rotular as peças ou fragmentos mais sensíveis e colocá-los em ambientes de armazenamento ou exibição com humidade controlada e, se possível, aplicar medidas de controle de humidade. Estas peças devem ser periodicamente inspecionadas para se detetar sinais precoces de condições inadequadas de humidade relativa.

De forma a garantir que as peças mais sensíveis em acervo ficam bem protegidas de possíveis oscilações de humidade, devem ser mantidas dentro de várias camadas de

espuma de polietileno e armazenadas no seu compartimento com arejamento (Graham, 2020).

Os crânios da coleção e demais peças ósseas não apresentam sinais de fungos.

4.2.3. Luz e radiações ultravioleta e infravermelha

Toda a luz é prejudicial para os restos mortais, quer seja natural ou artificial. De uma forma geral, são sensíveis à luz todos os bens culturais constituídos por materiais orgânicos, alguns materiais inorgânicos e materiais inorgânicos com camadas decorativas ou de proteção sensíveis à luz (Camacho e Sousa, 2007).

As coleções esqueléticas são particularmente suscetíveis à radiação solar, que pode desencadear e acelerar reações que contribuem para a degradação das peças, provocando desvanecimento e envelhecimento irreversíveis. Quanto maior o tempo de exposição e mais forte a intensidade da iluminação maior será o dano, pois a luz é uma fonte de energia e de calor, contribuindo para a deterioração das peças de natureza orgânica (Alarcão, 2007).

Por esta razão, é necessário reduzir o período de exposição dos bens culturais ou mesmo mantê-los na obscuridade total sempre que possível. Para isso, devem ser usadas áreas de reserva com objetivo de minimizar a deterioração causada pela iluminação, de modo a não receberem qualquer tipo de luz exterior direta, utilizando vidros temperados e devidamente protegidos com filtros UV, sendo a iluminação feita por meio artificial preferível (Luppi, 2020), desde que haja uma escolha criteriosa do tipo de lâmpadas, consoante as radiações que emitem. Atualmente, uma boa solução é a utilização das lâmpadas LED.

De facto, para se iluminar objetos muito sensíveis deve evitar-se a todo o custo a utilização de luz natural. Quando isso for inevitável, a luz do sol nunca deve incidir diretamente sobre os objetos, a qualquer hora do dia ou época do ano. As janelas ou outras entradas de luz devem ter persianas, estores ou cortinas em pano-cru (Camacho e Sousa, 2007), para além dos filtros de UV.

Devemos identificar e rotular os objetos mais sensíveis à luz e às radiações ultravioletas e infravermelhas, para sua melhor proteção, devendo estas peças apenas ser expostas em locais com fraca iluminação, e/ou apenas disponibilizadas para estudo

mediante solicitação, para que sejam analisados em locais que cumpram os requisitos (Graham, 2020).

A coleção nunca está exposta à luz solar, encontra-se bem-acondicionada e existe o cuidado do laboratório não estar posicionado de forma que a luz solar não incida no armário nem nas bancadas do mesmo.

4.2.4. Forças físicas /manuseamento incorreto

Qualquer movimentação, estudo, intervenção ou exposição implica que os objetos sejam manuseados, a forma como esse manuseio se processa deve ser cuidadosamente pensada, porque se for executada de forma errada pode levar à deterioração das peças. O manuseamento incorreto pode causar, problemas na superfície das peças ou, em casos mais extremos, a sua deformação ou quebra total ou parcial (Camacho e Sousa, 2007).

Primeiramente, será necessário obter uma autorização, cedida pela direção do museu, para se poder manusear a coleção. Esta autorização apenas deve ser fornecida a pessoas que demonstrem conhecimentos e técnicas para tal, sendo estas informadas da importância de se seguir todas as regras implementadas pelo museu e curador da coleção (Museums Galleries Scotland, 2011).

Para realizar o manuseio da coleção de forma correta deve existir a presença de um profissional especializado e com conhecimentos sobre a coleção, que saiba como o fazer. Deve ser também feito um relatório de todas as pessoas que tenham acesso à coleção e qual o seu objetivo. Desta forma, se acontecer algo, conseguimos compreender quando e o que se passou.

Neste formulário deve constar um resumo do projeto de pesquisa constando o nome das séries a serem examinadas e o cronograma de trabalho do pesquisador, a fim de se evitar que seja excedida a capacidade de espaço do laboratório, e que o material seja manuseado por mais de um pesquisador por vez. (Lessa, 2011. p.14)

De forma a reduzir o risco de danificar a peça por manuseamento incorreto, é aconselhado que as peças sejam observadas atentamente de modo a identificar os seus pontos frágeis, para que não sejam transportados por essas zonas vulneráveis. O uso de luvas, bata e o cabelo apanhado também são indispensáveis.

De forma a garantir a integridade de cada objeto, e a evitar danos durante o manuseamento, é necessário respeitar as seguintes regras: não comer, beber, fumar ou falar ao telemóvel em simultâneo; lavar e secar as mãos antes e depois do manuseamento, de forma a evitar contaminações; utilizar as duas mãos durante o transporte das peças; não manusear dois objetos em simultâneo; separar as diferentes partes que compõem a peça e transportá-las individualmente; manusear os objetos sobre uma superfície macia, as mesas ou bancadas de trabalho devem ser forradas com polietileno expandido de 3,0mm; tomar precauções quanto a utilização de utensílios de estudo e de registo perto do objeto (Camacho e Sousa, 2007). Os objetos devem ser manuseados com luvas latex.

Segundo Ladkin (2004) as peças devem ser acondicionadas com algum espaço entre si, de forma a permitir um manuseamento fácil, quando aglomeradas em estantes ou gavetas é mais difícil retirar os objetos de modo seguro. Recomendamos que os locais onde acontece a pesquisa ou as intervenções à coleção estejam localizados em áreas próximas da reserva, para que o percurso de transporte seja curto.

As técnicas de manuseamento indicadas pelo museu devem ser complementadas de princípios éticos, pois no manuseio de restos mortais é fundamental manter o respeito pela cultura representada.

*O estudo prático de restos humanos é uma parte vital de qualquer curso de ensino superior que tenha um componente médico ou osteológico. Antes de manusear os restos mortais, os alunos devem ser lembrados das obrigações éticas e legais e devem receber orientações escritas sobre o que significa tratamento respeitoso em termos práticos.*⁶ (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005, p.20)

Uma das maiores preocupações com o manuseio da coleção será que este seja feito com a intenção de roubar ou vandalizar a peça, daí a importância das normas que regulamentam o acesso e a segurança da coleção. É recomendado por Camacho e Sousa (2007) que as normas de segurança incorporem medidas que dizem respeito a crimes contra a propriedade, roubo, vandalismo e negligência, mas também acidentes

⁶ *Practical study of human remains is a vital part of any higher education course that has a medical or osteological component. Prior to handling remains, students should be reminded of the ethical and legal obligations and should be provided with written guidelines on what respectful treatment means in practical terms.* (Department for Digital, Culture, Media & Sport, 2005, p.20). Tradução livre.

relacionados com as instalações ou equipamentos, incêndios, inundações ou catástrofes naturais .

Segundo o Department for Digital, Culture, Media & Sport (2005) os restos humanos devem ser armazenados de forma segura, com acesso permitido apenas a funcionários autorizados e a visitantes com permissão específica sob acordos de supervisão acordados. Para garantir maior segurança recomenda-se a existência de guardas noturnos e câmaras de vídeo para observar o perímetro e o interior do museu.

Acima e além das questões de segurança, todo museu ou coleção que contenha restos humanos deve estabelecer diretrizes especiais para o seu acesso, que levem em consideração as suas propriedades e requisitos específicos. Estes devem existir por escrito, ser autorizados pela direção do museu ou coleção e indicar quem deve ter acesso aos restos humanos e para que fins. (German Museums Association, 2021, p.29)

4.2.5. Dissociação

Todas as coleções correm o risco de sofrer de dissociação, ou seja, o risco de perda de informação sobre a coleção ou o seu contexto, sendo geralmente considerado como um risco médio a alto para espécimes de história natural orgânica (Graham, 2020).

Um dos principais fatores de risco é o facto de muitas vezes as coleções serem é bastante antigas e, por alguma razão, os seus registos não terem sido realizados corretamente, ou se terem perdido com o passar do tempo. É também uma grande possibilidade que devido à sensibilidade do material, ou às inscrições de número de inventário não terem sido marcadas no próprio osso e apenas etiquetadas, etiquetas essas que degradam ou são inadvertidamente separadas do seu indivíduo.

Também deve existir o cuidado de, sempre que uma peça é separada da coleção por ser cedida para uma exposição, ou por alguma razão movida de edifício, essa mudança deve ficar registada no arquivo da instituição, para não se perder o seu rasto ou de algum dos objetos que a compõem.

Para evitar estes riscos, recomendamos que sejam feitos inventários completos regularmente, que todas as peças sejam marcadas permanentemente no osso e que todas

as informações que existem sejam guardadas em suporte digital e feitas várias cópias, para que não se percam com o tempo.

4.3. Recomendações de acondicionamento

Para além das questões referidas no ponto anterior, para que não exista perda de peças ou de fragmentos, é fundamental que o acondicionamento da coleção seja feito corretamente, evitando danificar os objetos e seguindo todas as recomendações do museu de boa conduta.

É adequado que os ossos longos sejam acondicionados em sacos de plástico com fecho e segundo a sua região anatómica; os fragmentos devem estar num saco mais pequeno e inseridos no saco dos ossos correspondentes. Cada saco deve estar identificado por uma etiqueta dentro do saco ou escrito diretamente no saco com caneta com tinta permanente específica para estas situações. A informação deve ficar bem visível e constituída por número de inventário, parte anatómica e lado.

Preferencialmente, todos os ossos que são sensíveis ou apresentam marcas de intervenção devem ser envolvidos em polietileno expandido de forma isolada. Fragmentos conectados a uma área maior somente por uma pequena área de contato devem ser mantidos soltos e identificados isoladamente, uma vez que o manuseio posterior da peça acarretará no seu desprendimento, bem como o de pedaços de outros fragmentos (Lessa, 2011).

*Todos os materiais que entram em contato direto com restos humanos (como embalagens ou rótulos) devem ser isentos de ácidos e não devem conter outras substâncias nocivas. Eles também devem ser resistentes ao envelhecimento, já que DNA e proteínas humanos, por exemplo, podem ser destruídos por hidrólise ácida, que degrada madeira e papel.*⁷ (German Museums Association, 2021, p.30)

Segundo o manual de boas práticas do Department for Digital, Culture, Media & Sport (2005), cada indivíduo deve receber um espaço de armazenamento. Neste momento, já são utilizadas por algumas instituições, caixas de armazenamento

⁷ *All materials that come into direct contact with human remains (such as packaging or labels) should be acid-free and should not contain any other harmful substances. They should also be resistant to aging, since human DNA and proteins, for example, can be destroyed by acid hydrolysis, which degrades wood and paper.* (German Museums Association, 2021, p.30)

especialmente projetadas para esqueletos, o que deve ser começar a ser opção para as instituições que possuem coleções com restos mortais.

Conclusão

A problemática que desencadeou este trabalho de projeto centrou-se na falta de estudo e valorização da coleção Ferraz de Macedo, a primeira coleção de Antropologia Física em Portugal, que se encontra atualmente no espólio do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa. A nossa intervenção foi uma mais-valia para o museu, que agora pode abrir as portas a mais alunos, investigadores e profissionais que tenham interesse na coleção e que a valorizem ainda mais criando e disseminando conhecimento a partir daqui.

Para contextualizar a coleção, foi necessário conhecer o homem por trás da sua coleta e perceber o que o incentivou a fazê-la. No nosso estudo, percebemos que Ferraz de Macedo foi um médico muito interessado na Cultura que acabou por se apaixonar pela Antropologia Física, contribuindo para a refutação da teoria de Lombroso a partir da coleção portuguesa. Antes de morrer, doou a sua coleção ao Museu Bocage.

Na documentação da doação da coleção ao museu, consta a referência a 1023 crânios e 1 esqueleto. Contudo, este acervo foi largamente reduzido devido ao incêndio. Restam apenas 27 crânios identificados, dos quais 21 estão completos (com mandíbula), 1 está incompleto (sem mandíbula), 3 resta apenas a mandíbula (sem crânio) e existem ainda 2 que apresentam apenas fragmentos do crânio.

Para chegar a este número, no segundo capítulo descrevemos a realização de um inventário detalhado da coleção, que conta com campos específicos para uma coleção de restos humanos e com campos gerais. O objetivo é que este inventário seja utilizado para futuramente comparar com registos ou servir de base para investigadores realizarem estudos sobre a coleção.

Após terminado o processo de inventariação, concluímos que a coleção conta neste momento com 27, que estão identificadas no livro de Ferraz de Macedo, que nos informa que a maioria dos indivíduos identificados são mulheres (22), e apenas 5 são homens. Realizada a inventariação, limpeza e organização da atual coleção, podemos confirmar que a parte que “sobreviveu” a um século e a um grande incêndio se encontra em bom estado de conservação.

Com o objetivo de manter esse estado de conservação, no quarto capítulo reunimos um conjunto de recomendações para a exposição e preservação da coleção, em que concluímos que uma das condicionantes mais importantes para esta coleção está relacionada com as questões éticas em contexto expositivo. Por esta razão, estas recomendações fornecem informações sobre os princípios éticos a seguir para garantir o respeito entre a instituição e a cultura representada. Para completar, analisamos os 10 agentes de deterioração, de forma a selecionar os que constituem maiores ameaças para a coleção Ferraz de Macedo: a temperatura incorreta, a humidade relativa incorreta, a luz e radiações ultravioleta e infravermelha, as forças físicas/ manuseamento incorreto e a dissociação. Para terminar o capítulo, reunimos um conjunto de recomendações para o acondicionamento de restos mortais, em que apelamos uma boa conduta e à utilização de procedimentos rigorosos.

Futuramente, seria interessante aprofundar o estudo do livro de registo original de Ferraz de Macedo. Traduzi-lo facilitaria mais a sua pesquisa aos investigadores. Com base nesse livro, e nos resultados dele extraídos, seria também interessante realizar um estudo que comparasse o estilo de vida da época, as causas de morte mais comuns e até as profissões mais raras ou frequentes.

Com base no inventário da coleção, podem surgir imensos estudos interessantes na área da Antropologia Física e, também em colaboração com áreas da informática, tendo em consideração que a coleção é bastante restrita, o desenvolvimento de um repositório digital, que possibilitaria a realização de estudos mais modernos e acessíveis, mesmo que, num primeiro momento, as coleções do museu apenas fossem acessíveis para pessoal autorizado.

Através do estudo e valorização da coleção foi possível reconstruir um pouco da história da época e do modo de vida dos indivíduos portugueses, e, de um modo geral foram cumpridas todas as tarefas a que nos propusemos. Com este projeto, pensamos ter conseguido contribuir para a valorização desta coleção e para a tornar mais acessível para futuros estudos.

Como refere a investigadora Lessa (2011, p.15) aprendermos sobre a vida, os erros e os acertos daqueles que nos precederam é a única justificativa para o resgate e a guarda desses remanescentes. A coleção Ferraz de Macedo, embora reduzida, ilustra

uma época em que se acreditava que o crânio revelava muitos aspetos da vida do indivíduo.

Referências bibliográficas

- Alarcão, C. (2007). Prevenir para preservar o património museológico. *Revista do Museu Municipal de Faro*, 2, 8-34. Retrieved from: https://www.researchgate.net/publication/237122904_Prevenir_para_preservar_o_patrimonio_museologico
- Almeida, F. (1907). Ferraz de Macedo. *Serões*, V(30), 384-456. Retrieved from: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/SeroesSII-vol5.htm>
- Alves, A. N., & Frade, M. (2017). The tenth «sense» of preventive conservation-the inventory and study of the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon collections. *In Intangibility Matters–International Conference on the values of tangible heritage* [Book of Proceedings]. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil (pp. 181- 190). Retrieved from: https://www.academia.edu/35514339/The_tenth_sense_of_preventive_conservation_the_inventory_and_study_of_the_Faculty_of_Fine_Arts_of_the_University_of_Lisbon_collections_2017
- American Institute for Conservation. (2022). *Conservation Terminology*. Retrieved from: <https://www.culturalheritage.org/about-conservation/what-is-conservation/definitions>
- Antunes, A. S. (2019). *A "Sala do Veado" - Um projecto experimental de Arte Contemporânea no Museu Nacional de História Natural e da Ciência* [Doctoral thesis, Faculdade de Belas-Artes]. Universidade de Lisboa. Retrieved from: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/39588>
- Arreguy, M. (2010). A leitura das emoções e o comportamento violento mapeado no cérebro. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 20, 1267-1292. Retrieved from: <https://www.scielo.br/j/physis/a/nXVCbfJ6s3MbzKLJZVwHMGC/abstract/?lang=pt#>
- Barbosa, F. (2016). Frenologia. In R. Maia (Ed.), *Dicionário crime, justiça e sociedade* (230-231). Retrieved from: https://sigarra.up.pt/fbaup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=382026
- Bojanoski, S. F., Michelon, F. F., & Bevilacqua, C. (2017). Os termos preservação, restauração, conservação e conservação preventiva de bens culturais: uma abordagem terminológica. *Calidoscópio*, 15(3), 443-454. Retrieved from: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2017.153.04>
- Boylan, P. J. (Ed.). (2004) *Como gerir um museu – Manual prático*. ICOM – UNESCO. França. Retrieved from: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2012/09/Manual-Como-gerir-um-museu-ICOM-Unesco.pdf>

Camacho, C., & de Sousa, C. B. (2007). *Plano de conservação preventiva: bases orientadoras, normas e procedimentos*. Instituto dos Museus e Conservação. Retrieved from: <http://id.bnportugal.gov.pt/bib/catbnp/1719749>

Cardoso, H. F. (2006). Brief communication: the collection of identified human skeletons housed at the Bocage Museum (National Museum of Natural History), Lisbon, Portugal. *American Journal of Physical Anthropology: The Official Publication of the American Association of Physical Anthropologists*, 129(2), 173-176. Retrieved from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/ajpa.20228>

Costa, P. F. D., & Costa, M. (2010). *Normas de inventário: Ciência e Técnica—normas gerais*. Instituto dos Museus e da Conservação. Retrieved from: <http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/normasinventario.aspx>

Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. trans. Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed. Retrieved from: <https://docplayer.com.br/28388511-Pesquisa-projeto-de-john-w-cresweu-metodos-qualitativo-quantitativo-e-misto-autor-2-a-edicao.html>

Curate, F. (2005). *Pressentindo o silêncio: A perda de osso relacionada com o envelhecimento na Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico* [Doctoral thesis, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra]. Retrieved from: <http://hdl.handle.net/10316/20386>

Department for Culture, Media and Sport [DCMS]. (2005). *Guidance for the care of human remains in museums*. Guidance, 2-37. Retrieved from: <https://www.gov.uk/government/publications/guidance-for-the-care-of-human-remains-in-museums>

Deutscher Museums Bund. (2021). *Care of Human Remains in Museums and collections*. Publications, 1-148. Retrieved from: <https://www.museumbund.de/publikationen/care-of-human-remains-in-museums-and-collections/>

Duarte, Ana, (2017). *Francisco Ferraz de Macedo: O antropólogo a descobrir*. Relatório de Estágio no MUHNAC. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa.

Ferreira, A. C. (1908). *O anthropologista Ferraz de Macedo: apontamentos para a história da sua vida e da sua obra*. Typ, A Editora. Retrieved from: https://porbase.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1H6620E4905K2.39777&profile=porbase&source=~!bnp&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!420113~!4&ri=2&aspect=basic_search&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Ferraz+de+Macedo&index=.GW&uindex=&aspect=basic_search&menu=search&ri=2

Garcia, S. (2020). As coleções de Antropologia Biológica do MUHNAC na emergência da

Antropologia em Portugal. In S. Marçal (Ed.), *Boletim ICOM Portugal Histórias Custodiais* (25-28). Retrieved from: <https://icom-portugal.org/wp-content/uploads/2020/12/Boletim-ICOM-Portugal-serie-III-n.o-15-dez.-2020-versaofinal.pdf>

Government of Canada. (2017). Agents of deterioration. Retrieved from: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration.html>

Graham, F. (2020). Government of Canada - Caring for natural history collections. Retrieved from: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/preventive-conservation/guidelines-collections/natural-history.html#a15>

ICOM-CC. (2008). *Terminologia para a definição da Conservação e Restauro*. Nova Dehli. *Conservar Património*, 6, 55-56. Retrieved from: https://doi.org/10.14568/cp6_7

Jornal Oficial da União Europeia. (2022). *Textos Aprovados*. Comunicações e Informações, 65, 1-416. Retrieved from: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=OJ:C:2022:347:TOC>

Lacerda, A., Andrade, A., Leite, A. F., Vieira, A. L., Afonso, A. C., Zúquete, A., ... Nemésio, V. (1996). *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa: Bertrand.

Lessa, A. (2011). *Conceitos e métodos em curadoria de coleções osteológicas humanas*. Arquivos do Museu Nacional, 68(1-2). Retrieved from: https://www.academia.edu/6964868/Conceitos_e_M%C3%A9todos_em_Curadoria_de_Cole%C3%A7%C3%B5es_Osteol%C3%B3gicas_Humanas

Lewis, G. (2004). O Papel dos Museus e o Código de Ética Profissional. In P.J. Boylan (Ed.), *Como gerir um museu – Manual prático* (1-17). ICOM – UNESCO. França. Retrieved from: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2012/09/Manual-Como-gerir-um-museu-ICOM-Unesco.pdf>

Lombroso, C. (2010). *O homem delinquente* [PDF]. Tradução: Sebastian José Roque. 1. Reprinted. São Paulo: Ícone. Retrieved from: https://www.academia.edu/8460215/O_Homem_Delinquente_Cesare_Lombroso

Lourenço, M. C., & Neto, M. J. (2011). *Património da Universidade de Lisboa: Ciência e arte*. Universidade de Lisboa: Tinta da China. Retrieved from: <https://tintadachina.pt/wp-content/uploads/patrimonio.pdf>

Luppi, N. (2020). *Conservação Preventiva: o caso da coleção etnográfica da Diamang do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra* [Master thesis, Universidade de Coimbra]. Retrieved from: <https://eg.uc.pt/handle/10316/93712>

Madureira, N. L. (2003). A estatística do corpo: antropologia física e antropometria na alvorada do século XX. *Etnográfica*. *Revista do Centro em Rede de Investigação em*

Antropologia, 7(2)), 283-303. Retrieved from:
<https://journals.openedition.org/etnografica/2899>

MUHNAC. (2015). *Coleção de Antropologia Ferraz de Macedo*. Retrieved from:
<https://www.museus.ulisboa.pt/pt-pt/node/641>

Museu de Angra do Heroísmo. (2015). Crânio de Frenologia. *Vitrine de Curiosidades*, 508, 1. Retrieved from: <https://museu-angra.azores.gov.pt/vitrine.html>

Museums Galleries Scotland. (2011). *Guidelines for the care of human remains in Scottish museum collections*. Museums Galleries Scotland, 152. Retrieved from:
<https://collectionstrust.org.uk/resource/guidelines-for-the-care-of-human-remains-in-scottish-museum-collections/>

Reis, D. (2019). *Fotografia e documentação museológica: reflexões e proposições a partir de um estudo de caso* [Bacharelato, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]. Retrieved from:
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199611>

Rocha, M. A. (1985). Les collections ostéologiques humaines identifiées du Musée Anthropologique de l'Université de Coimbra. *Antropologia Portuguesa*, 13, 7-38. Retrieved from:
https://www.researchgate.net/publication/312469034_Les_collections_osteologiques_humaines_identifiees_du_Musee_Anthropologique_de_l%27Universite_de_Coimbra

Roberts, A. (2004). Inventário e Documentação. In P.J. Boylan (Ed.), *Como gerir um museu – Manual prático* (33-55). ICOM – UNESCO. França. Retrieved from:
<https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2012/09/Manual-Como-gerir-um-museu-ICOM-Unesco.pdf>

Santos, A. L. (2007). Estácio da Veiga e os primórdios da Antropologia Física. *Xelb*, (7), 239-248. Retrieved from:
[https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:w2VHbQ5gJGgJ:scholar.google.com/+o%09Santos,+A.+L.+\(2007\).+Est%3%A1cio+da+Veiga+e+os+prim%3%B3rdios+da+Antropologia+F%3%ADsica.+Xelb,+7,+239-248.+&hl=pt-PT&as_sdt=0,5](https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:w2VHbQ5gJGgJ:scholar.google.com/+o%09Santos,+A.+L.+(2007).+Est%3%A1cio+da+Veiga+e+os+prim%3%B3rdios+da+Antropologia+F%3%ADsica.+Xelb,+7,+239-248.+&hl=pt-PT&as_sdt=0,5)

Simões, A. (2016). *A coleção de crânios de Francisco Ferraz de Macedo no Museu Nacional de História Natural e da Ciência* [Unpublished Relatório de Estágio]. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Souto, R. (1935). *Doutor Ferraz de Macedo, glória máxima do distrito de Aveiro*. Arquivo do distrito de Aveiro, I (4), 249-256. Retrieved from:
<http://ww3.aeje.pt/avcultura/AvCultura/ArkivDtA/Vol01/Vol01p249.htm>

Spectrum. (2022). *Collections Trust – Inventory*. Retrieved from:

<https://collectionstrust.org.uk/spectrum/primary-procedures/inventory/~>

Vargas, C. (2019, novembro 07). *O Colecionador de Caveiras* [web log post]. Retrieved from: <https://osaldahistoria.blogs.sapo.pt/o-colecionador-de-caveiras-41650>

Waller, R, Cato, P. (2019). *Government of Canada - Agent of deterioration: dissociation*. Retrieved from: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/dissociation.html#def1>